

DIVI

A Perspetiva Temporal de Futuro na Construção de Carreira de Adolescentes de Meios Socioeconómicos Desfavorecidos

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Maurício Manuel Abreu Ornelas
MESTRADO EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

novembro | 2017

**A Perspetiva Temporal de Futuro
na Construção de Carreira de Adolescentes
de Meios Socioeconómicos Desfavorecidos**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Maurício Manuel Abreu Ornelas

MESTRADO EM PSICOLOGIA DA EDUCAÇÃO

ORIENTADOR

Renato Gil Gomes Carvalho

Agradecimentos

A presente dissertação representa o culminar de um percurso académico, repleto de altos e baixos, ao qual está subjacente o meu desenvolvimento pessoal, exponenciado pelo conjunto de vivências que experienciei ao longo dos anos. Sinto como merecidamente devido, um conjunto sincero e profundo de agradecimentos, aos que contribuíram para o fim desta importante etapa.

Ao meu orientador, Professor Renato Carvalho, pela orientação que me proporcionou, ajudando-me na tarefa de desenvolver um estudo do qual me orgulhasse, incitando-me sempre a procurar a verdadeira autonomia e imparcialidade de um investigador.

Aos adolescentes que participaram neste estudo. Sem o vosso contributo esta dissertação não existia, mas ainda mais importante, eu não teria descoberto novas fronteiras e aberto novos horizontes na minha forma de pensar. Que este documento tenha efeitos práticos que conduzam à melhoria da qualidade de vida de todos os jovens que vocês “representam”.

Aos meus colegas, pela partilha diversa de angústias, dúvidas e incertezas, bem como pelos indispensáveis contributos para que concretizasse este estudo.

Aos meus amigos, pela insistente preocupação com o estado da dissertação, motivando-me sempre a continuar com a tarefa que assumi.

À minha família, por me apoiar incondicionalmente durante todo este percurso.

Aos meus irmãos, por me estimularem a criatividade para encontrar novas formas de me concentrar nas tarefas e no estudo, e pelas distrações proporcionadas, que tanto precisei.

À minha mãe, por nunca duvidar de mim, nunca desistir de estar a meu lado, mostrando sempre o seu orgulho em me ter como filho. Chegar aqui só foi possível pelos valores e princípios que me transmitiu, mesmo com todas as dificuldades que a vida se encarregou de lhe colocar.

À minha avó. Por tudo. A sua memória faz-me continuar. Esta dissertação é lhe dedicada.

Índice

Resumo	5
Introdução.....	7
Capítulo I - Enquadramento	9
Estatuto Socioeconómico e Construção da Carreira.....	10
A PTF na Construção de Carreira na Adolescência	12
Capítulo II - Metodologia.....	16
Método.....	17
Objetivo e Questões da Investigação	17
Grounded Theory.....	20
Amostra.....	21
Instrumento	22
Procedimentos.....	25
Capítulo III – Resultados	30
Resultados.....	31
Meio familiar e influência na futura profissão.....	32
O desenrolar do percurso escolar.....	35
Vivência num bairro social	37
Perspetivas de futuro a curto prazo e longo prazo	39
Definição de estratégias para cumprir objetivos.....	42
Discussão	43
Conclusão	46
Bibliografia.....	51

Anexos..... 58

Resumo

A construção de carreira e a forma como os adolescentes inseridos em meios socioeconómicos designados de desfavorecidos desenvolvem perspetivas face ao futuro, tem vindo a receber muito interesse da investigação no domínio da psicologia vocacional. No presente estudo pretende-se fornecer um contributo para o aprofundamento do conhecimento nesta área, procurando estudar a perspetiva temporal de futuro (PTF) de adolescentes madeirenses inseridos num contexto considerado menos favorecido do ponto de vista socioeconómico. Para este efeito, construiu-se uma amostra, constituída por 7 adolescentes, com idades compreendidas entre os 15 e os 21 anos, que residem num bairro social do Funchal, e a quem foi conduzida uma entrevista qualitativa semiestruturada. Os resultados foram sistematizados e analisados através de análise de conteúdo, tendo sido identificadas 4 categorias, nomeadamente as seguintes: meio familiar e influência na futura profissão, o desenrolar do percurso escolar, vivência num bairro social e perspetivas de futuro a curto e longo prazo. Identificou-se ainda uma subcategoria: definição de estratégias para cumprir objetivos. Os resultados são discutidos tendo em conta a importância da PTF para a inclusão social, assim como a potencialidade da PTF enquanto dinamizadora do desenvolvimento de metas e estratégias para o futuro.

Palavras-chave: Construção de carreira; Perspetiva Temporal de Futuro; Estatuto socioeconómico; Adolescentes; Inclusão Social.

Abstract

Career construction and the way in which adolescents inserted in designated socioeconomic means of disadvantaged develop perspectives towards the future, has received much interest of the investigation in the field of vocational psychology. In the present study we intend to provide a contribution to the deepening of knowledge in this area, seeking to study future time perspective (FTP) of Madeira adolescents inserted in a context considered less favored from a socio-economic point of view. For this purpose, a sample of 7 adolescents, aged between 15 and 21, residing in a social housing in Funchal was created, and a semi-structured qualitative interview was conducted. The results were systematized and analyzed through content analysis. Four categories were identified, namely: family environment and influence in the future profession, the development of the school course, living in a social neighborhood and perspectives of the future in the short and long term. A subcategory was identified: definition of strategies to achieve objectives. The results are discussed taking into account the importance of FTP for social inclusion, as well as the potential of FTP as a driving force in the development of goals and strategies for the future.

Key-words: Career development; Future Time Perspective; Social and Economic Status; Teenagers; Social Inclusion.

Introdução

Pelas oportunidades e acesso a recursos que envolve, o estatuto socioeconómico corresponde a um fator central ao longo do ciclo de vida dos indivíduos, nomeadamente na forma como constroem e tomam decisões de carreira. Com o aumentar das desigualdades entre as classes com menos recursos e aquelas que mais riqueza acumulam, surge uma crescente preocupação em diluir os efeitos destas diferenças, evidenciando-se a relevância da igualdade de oportunidades e acesso aos mesmos recursos por parte de pessoas dos diversos estratos sociais (American Psychological Association, 2007).

O interesse pela dinâmica criada entre o estatuto socioeconómico e o desenvolvimento vocacional tem que ver, entre outros aspetos, com o facto de que o estatuto socioeconómico está também associado à perceção que os indivíduos das classes mais baixas têm em relação à construção de carreira (Gottfredson, 2005).

Apesar de esta temática ter vindo a ser estudada, persiste ainda a necessidade de compreender melhor como os adolescentes integrados em meios com menor acesso a recursos sociais e económicos constroem a sua carreira e, especificamente, desenvolvem perspetivas face ao futuro. Assim, no presente estudo pretendemos explorar o papel da PTF na construção de carreira na adolescência que provêm de meios socioeconómicos desfavorecidos, encontrando estratégias para potenciar uma profícua construção de carreira destes jovens.

Efetivamente, a perspetiva temporal de futuro pode exercer uma função de mitigação dos efeitos negativos de um contexto socioeconómico desfavorecido, visto que através da PTF, os adolescentes desenvolvem uma visão positiva para o seu futuro, dado que se preocupam com questões importantes que virão a marcar a sua vida em

diversos níveis, tais como o percurso escolar, o percurso profissional e atividades sociais (Carvalho, 2015a; Savickas, 1997).

Capítulo I - Enquadramento

Estatuto Socioeconómico e Construção da Carreira

No espectro alargado de fatores que influenciam a construção da carreira enquadra-se, entre muitos outros, o meio socioeconómico. Podendo ser discutido o peso que cada fator possui, é imprescindível atentar cuidadosamente à classe social, como potenciadora ou inibidora de um percurso de sucesso no mercado de trabalho (Blustein et al., 2002; Hsieh & Huang, 2014).

O estabelecimento de relações com os outros reveste-se de especial importância porque integra-se aqui a relação e influência da família de origem para o desenvolvimento vocacional e posterior construção de carreira. Lankard (1995) salienta o papel da família para a edificação de um percurso profissional saudável, dado que é através do núcleo familiar que se constroem os alicerces que sustentam o desenvolvimento pessoal e vocacional. No entanto, apesar da influência defendida por Lankard, outros autores, nomeadamente Keller e Whiston (2005), argumentam que, de acordo com um estudo realizado pelos próprios, não existe uma relação clara entre a forma como os adolescentes se relacionam aos 18 anos com os seus pais, e o percurso vocacional, nos 5 anos seguintes, que os filhos percorrem.

A família, a escola, os pares e a comunidade, constituem-se como fundamentais para o desenvolvimento vocacional de adolescentes de meios socioeconómicos desfavorecidos. Na mesma linha, Balbinotti (2003), revela que o peso do estatuto social no percurso vocacional é enorme, fruto das aspirações, hábitos e atitudes, e em especial à forma como é encarada a escolha profissional.

A investigação mostra diferenças no percurso vocacional entre indivíduos das classes mais altas e pessoas provenientes de meios socioeconómicos desfavorecidos, sendo que os últimos encontram-se, não raras vezes, à margem da sociedade, reflexo da

forma como é encarado o estatuto social no acesso ao trabalho (Brown, Fukunaga, Umemoto, & Wicker, 1996; Carvalho & Novo, 2012; Richardson, 1993). Tal divisão deve-se, fundamentalmente, ao acesso a recursos, tanto educacionais como profissionais, como também às oportunidades que surgem nos diferentes momentos da vida do ser humano, categorias onde as classes sociais mais elevadas são privilegiadas (McWhirter, Hackett, & Bandalos, 1998; Turner & Lapan, 2003). Efetivamente, é nos meios desfavorecidos a nível económico e social, onde residem os cidadãos que têm maiores dificuldades em encontrar alternativas para prosseguir os seus estudos e em adquirir competências que permitam encontrar emprego da forma mais profícua possível (Silva, 2010).

Ainda de acordo com Silva (2010), em locais como bairros sociais, conjuntos habitacionais sob a égide de instituições públicas, e outras zonas consideradas socioeconomicamente desfavorecidas é expectável que as escolhas vocacionais sejam realizadas em função da procura de um trabalho, sem empregar muita importância às necessidades e especificidades individuais subjacentes à satisfação e bem-estar e à construção da identidade. Esta circunstância é ainda mais problemática no caso dos adolescentes, uma vez que é frequente abandonarem os estudos para entrar precocemente no mercado de trabalho.

Como Blustein (2006) refere, das três necessidades humanas concretizadas através do trabalho (poder e sobrevivência, conexão social e autodeterminação), apenas a primeira é parcialmente tida como motor da procura de trabalho em contextos socialmente desfavorecidos, já que nestes casos, é comum que a sobrevivência seja a principal, e muitas vezes única, preocupação aquando da construção de carreira.

Nos meios socioeconomicamente desfavorecidos as dificuldades no acesso às oportunidades formativas são maiores do que noutros contextos. Assim, tendo por base

Creed et al. (2009 citados por Silva, 2010), a probabilidade de alcançar, através do percurso escolar, ferramentas que permitam obter, não só sucesso escolar, como também uma maximização das competências necessárias para encontrar e manter um trabalho que satisfaça as necessidades individuais é menor.

Ou um outro aspeto pertinente da Psicologia vocacional em contextos socioeconómicos deste cariz prende-se com a maturidade vocacional. Balbinotti (2003) refere inúmeras causas no desenvolvimento da maturidade vocacional, enquadrando-se o estabelecimento de relações com os outros, as atividades experienciadas durante o período em que o indivíduo é considerado criança, mas também na adolescência, e por fim, a observação do meio onde estão inseridos e a forma como estão estipuladas as diversas funções e papéis. O mesmo autor revela que o estatuto socioeconómico condiciona ou exponencia a construção de carreira, na medida em que a posição social determina as oportunidades de desenvolvimento dos indivíduos, para além de influenciar o autoconceito, ou seja a imagem que o ser humano tem de si próprio.

A PTF na Construção de Carreira na Adolescência

A perspetiva temporal de futuro (PTF) tem vindo a ser estudada em múltiplas investigações a nível nacional e internacional. A PTF engloba um conjunto de características, nomeadamente ao nível da motivação e também da cognição, como o próprio nome indica, para o futuro (Savickas, 1997). A PTF traduz-se na criação de metas, objetivos e projetos para o futuro, em diferentes domínios da nossa vida, tais como o percurso académico, o percurso profissional e as relações sociais (Carvalho, 2012). Os objetivos identificados não têm que se encontrar num futuro próximo, podendo se situar num espaço temporal muito distante daquele em que o indivíduo se

encontra aquando da formulação das suas metas (Husman & Lens, 1999; Lens & Tsuzuki, 2007). Segundo Carvalho (2015b), a motivação surge nas pessoas que têm a capacidade de organizar o presente, empreendendo ações concretas com a finalidade de concretizar projetos no futuro.

Lens et al. (2012) referem que através de uma PTF plenamente desenvolvida, os indivíduos serão capazes de entender o presente como fundamental para alcançar os objetivos propostos para o tempo vindouro. Consideram igualmente que, do ponto de vista psicológico, a distância que separa o tempo atual e as metas futuras é percecionada pelos indivíduos como mais curta, em relação à sua verdadeira dimensão temporal. Desta forma, o desenvolvimento da PTF constitui-se por si só como um veículo para uma maior adaptabilidade dos indivíduos, demonstrada em vários contextos e culturas, mormente através dos comportamentos observáveis (Carvalho, Pocinho, & Silva, 2010; Sircova et al., 2015; Shell & Husman, 2001).

Esta capacidade de compreender a relação entre o presente e o futuro, revela-se determinante para que os adolescentes possam estar intrinsecamente motivados a atingir objetivos, ainda que estes se situem num espaço temporal longínquo, especialmente no mundo atual, em constante mudança e onde os resultados são cada vez mais exigidos em tempo recorde (Teles, 2013). Nos contextos educativos, a PTF detém redobrada importância, tendo em conta que a mesma promove e fomenta maior envolvimento dos estudantes na comunidade escolar, cumulativamente a um desempenho escolar de superação das dificuldades (Shell & Husman, 2001). De facto, o investimento nos resultados escolares é conseguido mediante fortes índices motivacionais, que podem ser alcançados, em parte, com o auxílio da PTF (Teles, 2013).

As expetativas criadas pelos adolescentes nas diferentes áreas do seu quotidiano, interferem no surgimento e manutenção de objetivos e motivação para a concretização

dos mesmos (Carvalho, 2012). Esta ideia é sustentada por Teles (2013), que argumenta que, quando se verifica desinteresse sobre o que será o futuro, os adolescentes manifestam elevados níveis de desmotivação, abdicando do estabelecimento de metas, objetivos e projetos para o futuro, sendo muitas vezes obrigadas a permanecer no sistema educativa por imposição dos pais, ou pelo facto da escolaridade até aos 18 anos ser obrigatória. *Grosso modo*, estes adolescentes abdicam de um desenvolvimento escolar e vocacional, centrando-se no aqui e agora, ao contrário dos alunos que, apresentando perspetivas face ao futuro, colocam nas tarefas escolares o brio e esforço requerido para ultrapassar as adversidades que vão surgindo. Logo, estes adolescentes terão a capacidade de, em várias áreas da sua vida, manifestar comportamentos adaptativos que promovam um maior bem-estar psicológico, encontrar soluções para diferentes problemas, gerir o seu tempo de acordo com as metas estipuladas ou delinear tarefas para cumprir, autonomamente, os objetivos definidos (Teles, 2013). Zimbardo e Boyd (1999) demonstram que a PTF encaminha os adolescentes para determinados sacrifícios em relação a gratificações no tempo presente, em prol da concretização de metas de futuro, que se enquadram no âmbito da construção de carreira. Não obstante, fruto da exigência que impõem a si próprios, estes adolescentes tendem a passar por mais momentos de stress que os seus pares.

A PTF também se encontra presente no desenvolvimento da autoestima por parte dos adolescentes (Mello, Finan, & Worrell, 2013). No seu estudo, estes autores verificaram que adolescentes que se centram somente nas vivências do presente ou do passado têm uma autoestima menor, comparativamente àqueles que utilizam a PTF como meio de orientação das experiências vividas.

Outro campo onde a PTF é significativa, é nas decisões subjacentes ao desenvolvimento vocacional, já a partir da adolescência, o que se traduz na planificação

de uma carreira futura. Assim, o adolescente compreende que para enveredar por algum percurso vocacional, é essencial fazer escolhas adequadas e munir-se das competências indispensáveis para a consecução dos seus objetivos (Marko & Savickas, 1998), verificando-se então a importância da PTF, na medida em que possibilita uma maior compreensão acerca da forma como os adolescentes tomam as decisões nas mais variadas áreas da sua vida, durante o seu desenvolvimento pessoal e vocacional (Carvalho, 2015a).

A PTF pode ter também um impacto significativo para a inclusão social, visto que esta dimensão da personalidade está associada ao envolvimento dos adolescentes em atividades extracurriculares, o que serve como veículo para a integração dos adolescentes juntos dos seus pares. Para além disso, a forma como os jovens interagem com os outros, é influenciada pela PTF, dado que encarar o futuro com preocupação, ajuda a desenvolver planos que criem um envolvimento com a comunidade, reduzindo assim o fator de exclusão social (Shores & Scott, 2007).

Capítulo II - Metodología

Método

Objetivo e Questões da Investigação

Tendo em conta a preocupação, cada vez mais na ordem dia, das questões tocantes à inclusão social, torna-se importante estudar a forma como a perspetiva temporal de futura se manifesta nos adolescentes de meios socioeconómicos desfavorecidos, em particular na construção de carreira. Assim, os objetivos desta investigação passam por compreender as várias dimensões da vida dos adolescentes onde a PTF pode atuar e como se manifesta, mais especificamente como pode contribuir para a construção de carreira dos adolescentes, e contribuir para a inclusão social.

Desta forma, a questão geral da investigação é a seguinte: Qual a importância da PTF para a construção da carreira de jovens de meios socioeconómicos desfavorecidos?

Partindo da questão geral acima colocada, procura-se aprofundar algumas vertentes, elaborando então as questões específicas de investigação enunciadas: Como se caracteriza a PTF de adolescentes de meios socioeconómicos desfavorecidos? Que relação existe entre a PTF e a inserção em contextos socioeconómicos desfavorecidos? Que implicações tem o desenvolvimento da PTF para a inclusão social?

A questão principal desta investigação tem como intuito compreender qual o papel que a perspetiva temporal de futuro tem na construção de carreira de adolescentes a residir em meios considerados desfavorecidos do ponto de vista socioeconómico. Para tal, é importante estudar as vertentes associadas às questões específicas da investigação,

mais especificamente, o meio onde residem os adolescentes, a visão que têm do seu futuro e a promoção da inclusão social na nossa região.

Posto isto, este estudo pretende contribuir para a promoção da inclusão social, demonstrando a importância da perspectiva temporal de futuro para a construção de carreira de adolescentes de meios socioeconómicos desfavorecidos.

De forma a alcançarmos os objetivos da presente investigação, recorreremos a metodologia qualitativa que se define como um paradigma que tem por base conceitos construtivistas e interpretativistas (Altheide & Johnson, 1994; Guba & Lincoln, 1994; Kuzel & Like, 1991; Secker et al., 1995). Tal facto pressupõe a existência de diferentes realidades, consoante a visão de cada investigador, dado que é a interação com o meio social envolvente e influenciador, que possibilita construções sobre o que é a realidade. A noção daquilo que é, ou não, real, é em si própria mutável, consoante a própria mutação da sociedade onde o investigador conduz o seu estudo (Berger & Luckmann, 1966).

Partindo dos pressupostos descritos, e acrescentando a visão de Yin (1984, citado por Alves-Mazzotti, 2006), que argumenta que a generalização na metodologia qualitativa é possível, embora concretizada de forma diferente do que na metodologia quantitativa, visto que a amostra não tem dimensão suficiente para permitir as generalizações observadas na investigação quantitativa. Na primeira, procura-se através dos resultados encontrados, elaborar teoricamente, proposições a serem seguidas noutros contextos, o mais semelhantes possível ao meio estudado. Por sua vez, na metodologia quantitativa, o que se procura é a generalização dos resultados, fazendo da amostra encontrada, uma representação fiel da população de onde saiu essa mesma amostra. Como tal, não existe uma preocupação, nesta investigação, com generalizar os

resultados obtidos, mas sim em compreender individualmente, as particularidades de cada participante, elaborando um quadro onde seja observado a singularidade de cada um, como também uma análise à forma como o meio em que estão inseridos e a perspectiva temporal de futuro se manifesta (Reid, 1996).

Atendendo ao objetivo da investigação e àquilo a que se propõe analisar, é imperativo o uso de uma metodologia que siga uma linha de compreensão entre aquilo é o meio social onde os indivíduos se inserem e os seus comportamentos. Öhman (2005) sustenta que esta interação permite atribuir significados aos pensamentos, ideias e emoções, dos diferentes participantes, medindo as suas experiências de forma flexível, levando em conta a volatilidade do meio socioeconómico em questão. Para além disso, é fulcral a constante adaptação em relação aos desenvolvimentos que surgem na investigação, sendo natural o aparecimento de diferentes rumos, do que aqueles inicialmente planeados.

A metodologia qualitativa é portanto um processo de compreensão e interpretação da forma como o ser humano lida com o que o envolve, procurando explorar, de diferentes formas os problemas advindos da relação ser humano-meio social (Creswell, 2007; Morse, 1992). Por sua vez, Godoy (1995), sublinha que todas as informações obtidas na investigação devem ser analisadas como tendo o mesmo grau de importância. Só dessa forma se consegue obter uma visão holística sobre o fenómeno em estudo.

O exposto afigura-se ainda mais importante, na medida em que, e seguindo o raciocínio de Guba e Lincoln (1994), a interação entre os participantes e o investigador cria uma ligação, que os liga, e ao estudo, a um contexto muito específico. Aprofundando esta premissa, Denzin e Lincoln (1994), mostram que só à luz desse contexto, compreende-se os resultados obtidos, mas essencialmente as conclusões

retiradas do estudo. Daí que Smith (1983), diga que há uma realidade especificamente construída quando se efetua uma investigação deste género.

Na mesma linha de Smith (1983), também Lincoln e Guba (1985) e Öhman (2005), seguem a ideia que a verdade na investigação é uma noção que varia de acordo com a perspectiva de cada um. Se se retirar o investigador de determinado contexto para realizar o mesmo estudo noutra meio, ou se forem realizados dois estudos com os mesmos objetivos procedimentos, no mesmo meio, mas por dois investigadores, em ambos os cenários obteríamos resultados diferentes. Não se pode afirmar que um estudo seria mais verdadeiro, ou até mesmo verossímil, que outro. Por via da interação entre os diferentes fatores que influenciam os resultados que provêm da realização da investigação, a verdade é um constructo subjetivo.

Optou-se pela metodologia qualitativa, visto que oferece uma viagem ao mundo interno de cada indivíduo, atribuindo aos participantes na investigação um papel central, e de relevada importância, ouvindo-os atentamente e atribuindo significado às suas histórias. Dessa forma, transforma-se os dados obtidos em resultados concretos que consubstanciam as múltiplas vertentes de um determinado contexto (Creswell, 2007). De entre as cinco abordagens existentes na metodologia qualitativa, recorre-se neste estudo à Grounded Theory para auxiliar a condução da investigação.

Grounded Theory

A Grounded Theory tem como principal intuito criar uma teoria a partir do zero, tendo por base a informação recolhida, e deixando que dessa informação emirjam explicações e quadros analíticos (Strauss & Corbin, 1998). Com início na Sociologia, esta teoria, desenvolvida por Anselm Strauss e Barney Glaser, defende que não devem

existir concepções pré-concebidas sobre possíveis resultados dos estudos conduzidos, mas sim deve-se permitir que seja o conjunto de informações recolhidas a basear toda e qualquer interpretação sobre as interações e ações dos indivíduos (Creswell, 2007). É necessário, segundo Glaser (1992), extremo cuidado para não seguir uma estruturação muito rígida na Grounded Theory, tornando-a demasiado previsível. Tendo isso em conta, Charmaz (2006) apresenta-nos, dentro da Grounded Theory, uma outra perspectiva sobre os procedimentos a seguir, de base construtivista, que levantou inúmeras questões, até aqui encobertas. Esta nova perspectiva leva-nos a ir além da superfície, e procurar nos dados disponíveis, informações sobre as ideologias, crenças e valores dos participantes, o que, em última análise, permite descobrir a realidade social onde as pessoas se inserem.

Escolheu-se a Grounded Theory, pela ausência de uma teoria explicativa sobre o fenómeno em estudo. Não havendo ainda uma teoria que permita perceber, na plenitude, como é que adolescentes fazem uso da perspectiva temporal de futuro na construção da sua carreira, atendendo ao facto de viverem em contextos desfavorecidos. Outra das razões que levaram a esta escolha prende-se com a capacidade desta abordagem em compreender de forma abrangente o ser humano, explorando questões pertinentes no tocante às experiências do indivíduo. Por fim, esta teoria ajuda a explicar um determinado fenómeno, analisando as suas diversas dimensões (Creswell, 2007).

Amostra

A amostra constituída para esta investigação contou com 7 adolescentes com idades compreendidas entre os 15 e os 21 anos. Dos 7 participantes, 4 são do sexo masculino, e os outros 3, do sexo feminino. Todos os participantes deste estudo vivem

no Conjunto Habitacional da Quinta Falcão, estando este Conjunto Habitacional subdividido em dois núcleos habitacionais. Apenas um dos participantes não viveu sempre neste bairro social.

No que concerne à escolaridade, somente um dos participantes não se encontra a estudar, sendo que o ano que frequentam é consideravelmente diverso e varia entre um curso de formação para adultos que dá equivalência ao sexto ano, e o ensino profissional, que dá uma dupla certificação, nomeadamente o décimo segundo ano e a carteira profissional.

A amostra foi constituída de acordo com as necessidades da investigação, fazendo com que o fenómeno em estudo esteja a ser corretamente representado (Almeida & Freire, 2008). Tendo em conta o equilíbrio entre os géneros escolhidos, as idades e o nível de escolaridade atual, acredita-se que este objetivo foi concretizado.

Salienta-se que, esta amostra é representativa da população à luz da metodologia qualitativa, não devendo existir extrapolações de âmbito estatístico na representatividade em questão. Para além disso, é fundamental perspetivar a flexibilidade e adaptabilidade da amostra ao longo da investigação (Glaser, 1978).

Instrumento

Entrevista Semiestruturada. Foi desenhada uma entrevista tendo em conta as dimensões que o presente estudo se propõe a abordar. Em trabalhos de natureza científica a entrevista é um instrumento que pode contribuir significativamente para uma recolha de dados eficaz. Mais ou menos estruturada, a entrevista possui suficiente profundidade para obter dados de enorme valor para a investigação, permitindo

compreender fenômenos complexos, como aqueles investigados pela Psicologia (Júnior & Júnior, 2011). Embora existam outro tipo de instrumentos utilizados para recolher informação, a entrevista é o método principal ao qual recorrem os investigadores que seguem pela via qualitativa. Efetivamente, este é o instrumento que permite uma recolha mais eficiente de dados pertinentes (Öhman, 2005).

Esta entrevista semiestruturada foi constituída por seis blocos temáticos, relativos aos temas da vida familiar, do percurso escolar, dos tempos livres, dos interesses pessoais e dos planos para o futuro, estando previstas aproximadamente quarenta e cinco perguntas. Os blocos temáticos, com exceção do último, podem ser agrupados no percurso de vida, até ao presente. Tal organização permite que exista um racional que acompanha a sequência de perguntas realizadas, sempre em acordo com os objetivos da investigação, naquele que deve ser o foco da entrevista semiestruturada (Belei, Gimenez-Paschoal, Nascimento & Matsumoto, 2008).

O guião foi seguido de forma flexível, permitindo que tivessem surgido outras questões ao longo das entrevistas, bem como fossem suprimidas outras que não se enquadraram no contexto. Como tal, foi imprescindível que a dinâmica entre o entrevistador e o entrevistado se concretizasse numa lógica de informalidade, não obstante a manutenção dos pressupostos que conduzem uma investigação séria e imparcial. A existência de um ambiente deste cariz favorece a abertura por parte dos entrevistados, em responder às questões formuladas de forma o mais expansiva possível (Boni & Quaresma, 2005).

Tendo em conta o conjunto de aspetos referidos, procedeu-se à elaboração da entrevista semiestruturada (Quadro 1), levando igualmente em consideração as características da amostra.

Quadro 1. *Guião da Entrevista*

Blocos Temáticos	Objetivos Gerais	Questões
I. Dados pessoais.	- Recolher dados biográficos sobre os entrevistados.	- Que idade tens? - Onde nasceste?
II. Vida Familiar.		- Qual o ano de escolaridade que frequentas (nível escolar)
III. Percurso escolar.	- Conhecer o seio familiar dos sujeitos, bem como	- Sempre viveste aqui? - Onde viveste antes?
IV. Expectativas em relação ao trabalho.	- Compreender o percurso escolar dos jovens. Aferir o seu envolvimento na escola.	- Há quanto tempo vives aqui?
V. Vivência num bairro Social.	- Perceber se os entrevistados já pensam no futuro profissional e qual a sua visão em relação a este futuro.	- Vives com quem? - Que relação tens com os teus familiares?
VI. Ocupação dos tempos livres.		- Que atividades fazes com a tua família?
VII. Planos futuros.	- Compreender como se processa a vida no meio onde vivem os sujeitos e explorar a perceção que estes têm sobre o bairro social.	- Qual é a profissão dos teus pais? - O que achas da escola? - Já repetiste algum ano? Qual/Quais?
	- Assimilar a forma como os sujeitos vivem no bairro social, e perceber se querem continuar nesse lugar, no futuro.	- Quais foram as tuas notas no último período? - Quais são as disciplinas que mais gostas? - E as que menos gostas? - Até onde queres continuar a estudar? Porquê?
	- Perceber que tipo de atividades os participantes do estudo realizam nos seus tempos livres. Identificar com quem realizar as atividades que mencionam.	- Consideras a escola importante para o teu futuro? - Tens amigos na escola? - Para além das aulas, o que fazes na escola?
	- Compreender a visão que os jovens têm para o seu futuro e que planos estão a elaborar para concretizar essa visão.	- Qual a profissão que queres seguir? - O que te levou a querer ter essa profissão? - Existe alguém que te encoraje a seguir esse trabalho? - O que precisas de fazer para alcançar a profissão que queres?

- Gostas de viver aqui?
Porquê?
 - Quais são os teus hábitos aqui no bairro?
 - Como te dás com os teus vizinhos?
 - No futuro, queres viver noutra local, ou preferes continuar a viver aqui?
 - O que gostas mais no bairro? O que gostas menos?

 - O que fazes nos tempos livres? (ex.: ler, ver televisão, desporto, música)
 - Quando estás de férias o que costumavas fazer?
 - Com quem costumavas passar os teus tempos livres?

 - O que te vês a fazer daqui a um ano?
 - E daqui a cinco anos?
 - Tens alguma estratégia para alcançar aquilo que queres?
-

Procedimentos

Recolha de dados. O contacto com os participantes deu-se por iniciativa do investigador, indo a casa de cada um dos possíveis participantes. Após uma primeira abordagem onde foram explicados os objetivos da investigação, aos indivíduos que aceitaram fazer parte do estudo, foi sugerido uma data para se proceder à entrevista. Todas as entrevistas foram conduzidas na casa dos entrevistados, mediante acordo dos adolescentes, como também dos seus pais e/ou donos da casa. A todos os adolescentes foi facultado o mesmo modelo de Consentimento Informado (Anexo I), bem como aos

pais, ou tutores, dos menores que tinham à data da entrevista menos de 18 anos, foi providenciado um outro modelo, adaptado, de Consentimento Informado (Anexo II).

As entrevistas foram todas gravadas, em registo áudio, após o acordo explícito de todos os adolescentes. Com uma duração variada, entre os 10 e os 30 minutos, as entrevistas foram levadas a cabo num espaço temporal de uma semana, no mês de Maio de 2017.

Análise de dados. Recorreu-se à análise de conteúdo para a análise dos dados obtidos nesta investigação. A análise de conteúdo é um método que analisa, recorrendo a conjunto de técnicas, a comunicação do sujeito alvo de estudo, utilizando procedimentos sistemáticos para descrever o teor das mensagens dos participantes da investigação (Bardin, 2009). Com recurso a este método pretende-se descodificar mensagens subliminares, na tentativa de decifrar todos os sentidos das respostas proferidas pelos participantes. Desta forma, todas as informações que possam estar subentendidas nas afirmações dos adolescentes são esmiuçadas e utilizadas de forma profícua no estudo (Minayo, 2000).

Na investigação qualitativa, a análise de conteúdo segue um conjunto de procedimentos que se repetem cada vez que se recorre a esta técnica de análise de dados. Primeiramente, organiza-se a informação obtida, passando depois a codificá-la sob várias formas, e acabando por apresentar os resultados, quer seja através de tabelas, quadros, ou mesmo numa discussão (Creswell, 2007).

Aprofundando a análise de conteúdo, refira-se que existem algumas estratégias para efetuar a análise dos dados obtidos. Por vezes é necessário escrever nas margens das entrevistas, ou sublinhar e marcar certas partes importantes que contenham alguma ideia essencial para a análise. É usual tirar notas ao longo deste processo, cabendo um

papel reflexivo a algumas delas. Outra questão a ter em conta é a tomada de notas durante as entrevistas, que têm que ser agora sistematizadas, à luz da restante informação. Os códigos devem ser criados pelo investigador, revelando-se fundamental compreender as diversas categorias que emergem dos dados. A partir de determinado momento, é igualmente pertinente voltar a analisar os códigos e temas criados, para compreender se é preciso fundi-los, reagrupa-los ou até mesmo suprimi-los. A contagem da frequência de cada código é fundamental para a criação de registos. Ainda dentro da análise de conteúdo, importa relacionar as categorias entre si, criando uma lógica de ligação entre as mesmas, e posteriormente contextualiza-las face à literatura existente. O último ponto de uma análise de conteúdo tem que ver com a apresentação dos dados, que pode ser concretizada em textos comparativos, em tabelas, gráficos, quadros, entre outros (Miles & Huberman, 1994; Wolcott, 1994).

A categorização dos dados seguiu uma ótica de modelo aberto, através da qual existiu uma definição prévia das categorias, sem prejuízo de com o decorrer do estudo, serem feitos pequenos ajustes às mesmas, uma vez que nem sempre aquilo que se previu através da revisão bibliográfica e indo de encontro às questões de investigação, tem correspondência, na íntegra, aos dados obtidos (Laville & Dionne, 1999, citados por Silva, Gobbi, & Simão, 2005). Também no que toca às categorias, organizou-se a informação mediante a perspetiva dedutiva e a perspetiva indutiva, alternando entre as duas abordagens, consoante a necessidade (Tesch, 1990, citado por Schilling, 2006). Apesar disso, foi através da indução que organizamos a maior parte dos dados em categorias, dado que foi o conteúdo observável que levou ao surgimento das categorias (Schilling, 2006).

Respeitou-se, durante a análise de conteúdo, os passos que devem ser seguidos para analisar os dados. Não obstante, é preciso reconhecer que este tipo de análise não é

rígido e imutável, mas mantendo em todos os momentos o rigor científico exigido a uma investigação deste cariz (Bardin, 2009).

Validade na investigação qualitativa. Um dos principais desafios daqueles que seguem a investigação qualitativa, qualquer que seja a abordagem específica que venham a seguir, prende-se com a validade dos dados obtidos. Vários autores, ao longo dos anos, tentaram definir a forma ideal para aferir a validade num estudo qualitativo, enumerando diversos critérios, tais como a credibilidade, a capacidade de generalização, a criatividade, ser assente em valores morais e éticos, ser plausível, entre outros (Altheide & Johnson, 1994; Eisenhart & Howe, 1992; Leininger, 1994; Lincoln, 1995; Marshal, 1990; Thorne, 1997).

De entre as múltiplas abordagens presentes na literatura, selecionou-se a interpretação de Creswell (2007), como guia orientador da procura da validade neste estudo. As estratégias utilizadas para aferir e garantir a validade da investigação baseiam-se, na sua totalidade, nas considerações deste autor, que emitiu a sua posição, após sintetizar as posições de um conjunto de autores. Como tal, considera-se que a validade consiste na exatidão das descobertas realizadas durante a investigação, sem prejuízo da opinião tanto dos participantes, como do investigador, que devem ter uma estreita ligação durante a investigação, dando assim mais suporte à validade do estudo. Neste referencial teórico, imperam os termos precisão e exatidão, adjacentes ao processo desenvolvido na condução do estudo, e não imputados à verificação dos resultados.

Ainda de acordo com Creswell (2007), existe uma panóplia de estratégias que devem ser seguidas na investigação qualitativa, e que serviram como pontos centrais da aferição da validade do estudo. Desde logo, houve lugar a uma constante preocupação

de promover um grande envolvimento do investigador no meio onde foram recolhidos os dados, procurando-se estabelecer uma relação de respeito mútuo com os adolescentes. Outra estratégia a que se recorreu foi a troca de ideias e constatação de significados, com os próprios participantes, tentando esclarecer certos aspetos e perceber se algumas das considerações e conclusões a que se chegou foram aquelas que os entrevistados queriam transmitir. Os dados e resultados da investigação foram disponibilizados a um outro investigador, sem qualquer envolvimento na investigação, que teceu as suas considerações sobre o estudo. Foi ainda realizada uma extensiva análise a todo trabalho levado a cabo na recolha de dados, a todo o processo de tratamento de dados e a todas as conclusões obtidas, levando em conta a subjetividade patente em investigações deste cariz, sem nunca deixar que essa subjetividade retire validade ao estudo.

Capítulo III – Resultados

Resultados

O processo de codificação, que permite a apresentação dos resultados do estudo, consistiu em três fases: codificação aberta, codificação axial e codificação seletiva. A fase inicial, codificação aberta, teve como propósito analisar a informação recolhida e encontrar categoria onde colocar os dados. Posteriormente, na fase da codificação axial, olhou-se para as diferentes categorias, tentando encontrar pontos em comum, zonas de ligação entre as mesmas, para perceber se existe, ou não, uma continuidade dos dados em certos aspetos. Na última fase, depois de estabelecidas todas as conexões possíveis, criou-se uma narrativa que permite compreender, num plano mais geral e alargado, o conjunto dos resultados obtidos, organizados em categorias e vistos como uma história contínua (Strauss & Corbin, 1990).

Para uma profícua apresentação de resultados na investigação qualitativa, é essencial ter em atenção o público-alvo, que irá analisar o estudo, que seja na sua vertente escrita, ou na apresentação oral do mesmo. Daí que, e em concordância com aquilo que defende (Clandinin & Connelly, 2000), espera-se que esteja patente o cuidado com a linguagem, mas também a atenção dada à explanação dos resultados, que foi composta com o objetivo de possibilitar a compreensão dos mesmos.

Passar-se-á então à apresentação e discussão dos resultados, mediante a categorização efetuada e as unidades de registo.

Quadro 2. *Categorização*

Categorias	Descrição
Meio familiar e influência na futura profissão	Relação com a família, profissão dos pais e influência dos familiares na escolha de um ofício
O desenrolar do percurso escolar	Ano de escolaridade que os jovens frequentam, retenções, importância da escola para o futuro.
Vivência num bairro social	Como se vive num bairro social, escolha de um local futuro para viver.
Perspetivas de futuro a curto e longo prazo	O quê que os jovens se imaginam a fazer daqui a um ano, o que se vêem a fazer daqui a cinco anos.
Subcategorias	Descrição
Definição de estratégias para cumprir objetivos	De acordo com as metas definidas, encontrar formas de alcançar os objetivos propostos.

Meio familiar e influência na futura profissão

Na opinião de Lankard (1995), a base sob a qual se constrói um saudável desenvolvimento pessoal e vocacional é a relação com o núcleo familiar. Núcleo esse que deve ser entendido num sentido mais restrito.

A esmagadora maioria dos participantes revelam ter uma relação positiva com a família, classificando-a de “Boa” (P1; P2; P3; P4 e P7) e “Ótima” (P6)

Apenas um dos entrevistados (P5) mencionou que a sua relação familiar consiste em “Brigas e isso”, acrescentando, quando lhe foi perguntado se as interações com a sua família se baseavam em discussões, que “às vezes” brigavam.

As informações prestadas pelos jovens, acerca do apoio que têm para seguir a profissão desejada, vão ao encontro da visão de Lankard (1995), onde a família é essencial no apoio a um percurso profissional. À exceção de um entrevistado que ainda não sabe o que quer seguir, e outro que, quando inquirido sobre se existia alguém que lhe encorajasse a seguir a sua profissão se sonho, mencionou que *“Não. Neste momento não”* (P2). Todos os outros falaram sobre o apoio de algum familiar.

“A minha madrasta, (...) o meu pai” (P3).

“ (...) o meu gosto por isto começou pela minha tia”, “a minha mãe” (P4).

“A pessoa que eu vi ele a trabalhar foi o meu primo o Marco. Sempre vi ele a trabalhar em motas em casa e deu-me a intenção de mexer naquilo” (P5).

“Os meus irmãos e as minhas cunhadas” (P6).

“O meu pai” (P7).

Para além da família, há ainda menções a outras pessoas, nomeadamente professores, que motivam os participantes a avançar na sua exploração profissional e vocacional.

“ (...) A minha madrasta, os meus professores, o meu pai.” (P3)

“ (...) as minhas professoras na escola” (P4)

Um outro aspeto pertinente é a profissão dos pais, que pode influenciar a decisão dos jovens na escolha de uma profissão. Esta escolha é concretizada tendo por base o contato com as profissões e posterior formação de conceitos acerca das mesmas (Filomeno, 1997). Outro autor, que partilha desta ideia, é Silva (2006), que acrescenta que os adolescentes identificam-se com as profissões das pessoas adultas com quem se relacionam, e uma vez que os pais são os adultos mais próximo, existe uma natural afinidade a essas profissões. As entrevistas efetuadas neste estudo apontam, em parte,

noutro sentido, o de que não há ligação entre a profissão dos pais, e emprego pretendido pelos adolescentes.

“A Minha mãe é desempregada e o meu padrasto é camionista” (P2), que depois revela que *“Gostava de ser biólogo”*.

“O meu pai é camionista e a minha madrasta é desempregada” (P3), que quer *“Auxiliar de saúde”*.

“Minha mãe é doméstica e o meu pai é serralheiro” (P6), que ao abordar os seus desejos profissionais disse que *“(…) queria ser veterinária mas agora mudei de opinião. Eu queria arranjar um trabalho nem que fosse numa loja ou assim”*.

“Operadora de charcutaria, a minha mãe. O meu pai manobrador” (P7), que explica que está *“(…) mais ligado a tentar seguir a eletricidade”*.

Por outro lado, de dois dos participantes, obtiveram-se dados mais próximos daquilo que nos diz a literatura.

“(…) pensei em ir para o curso de esteticista” (P4), revelando que o *“gosto por isto começou pela minha tia”*. Apesar de tudo, neste caso em particular, a mãe deste participante é cozinheiro.

“Gosto de mecânica” (P5), que quando inquirido sobre se havia alguém a lhe incentivar, respondeu *“(…) o meu primo o Marco. Sempre vi ele a trabalhar em motas em casa e deu-me a intenção de mexer naquilo”*.

Fica patente que existem diversas formas de influenciar as decisões dos adolescentes, por parte do núcleo familiar, quer sejam direta ou indiretamente, de forma mais ou menos consciente (Almeida & Pinho, 2008). Observamos essas múltiplas influências nos dados recolhidos nas entrevistas deste estudo.

O desenrolar do percurso escolar

Levando em consideração a classe social dos participantes, é expectável que os potenciais défices de acesso a recursos e oportunidades se reflita no desempenho escolar (Turner & Lapan, 2003).

Face, igualmente, ao nível socioeconómico, os adolescentes de meios como aquele onde vivem os adolescentes entrevistados, têm mais dificuldades em encontrar percursos alternativos, dentro do sistema de ensino, para colmatar lacunas que vão surgindo ao longo dos anos, como a sistemática reprovação (Silva, 2010).

Nas respostas dos jovens, fica visível que em todos os casos, exceto num, o percurso escolar é feito de percalços, o que os levou a encontrar outros caminhos para prosseguir os estudos, ou até mesmo, num dos casos, desistir da escola.

“Já não estou na escola...”, “Repeti... o 3º... Mas eu entrei um ano mais tarde. Perdi o 3º e desisti no 10º” (P6).

Nos restantes casos, nota-se a procura de outros rumos, face também ao desempenho escolar abaixo do esperado, constatando isso mesmo quando se pergunta se já perderam algum ano, pelas suas respostas:

“5º e 6º” (P1), que menciona que está no “6º ano, num curso de práticas comerciais”.

“1º, 6º e 8º” (P2), estando agora no “11º. Num curso profissional”.

“O 4º, o 7º e o 9º” (P3), que atualmente frequenta o “10º, num curso profissional.”

“Já. O 5º e o 7º” (P7), informando que “estou num curso” que “equivale até ao 9º ano”.

Um dos participantes, (P5), diz que *“Eu não estou na escola, estou no ATL”*, que ministra cursos de formação de adultos. Este jovem também já perdeu um, ou mais anos, de escolaridade, mas não referiu quais.

Só um dos participantes no estudo, (P4), não perdeu nenhum ano e frequenta o ensino recorrente, nomeadamente o 10º ano, no curso de Línguas e Humanidades. No entanto, os planos para a continuação dos estudos para este jovem passam por outra via: *“por acaso pensei em ir para o curso de esteticista porque não sei se vou conseguir seguir o ensino regular e vou ter que ir para o ensino profissional e queria tirar o curso de esteticista”*.

Um ponto emergente deste estudo consiste na aferição de até onde querem os adolescentes continuar o seu percurso escolar. Este aspeto tem um cariz importante, na medida em que, segundo Blustein (2006), o trabalho é absolutamente necessário nestes meios, dado que é encarado como um meio de sobrevivência, essencialmente económico. As respostas obtidas indicam que os jovens querem continuar a estudar, até ao ponto em que lhes permita ter um bom trabalho.

“Que é para ter um emprego no futuro... Um emprego razoável.” (P1), querendo continuar a estudar *“Até ao 12º”*.

“hoje em dia se for para arranjar trabalho, são poucos os trabalhos ou empresas que recebem pessoas só com o 9º ano”, (P3).

“Até ao 12º ano. Porque hoje em dia para arranjar trabalho é necessário o 12º em quase todos os estabelecimentos e empresas”, (P4).

“Até ao 12º. Porque é o que é preciso para começar a trabalhar, arranjar um trabalho mais ou menos”, (P7).

Em contrapartida, tanto (P2), que *“Gostava de ir até à Universidade”*, porque *“Gostava de ser biólogo”*, como (P6), que quer continuar a estudar *“Até ao 12º. Para*

ter mais oportunidades no futuro e ser a única filha dos meus pais a fazer as capas”, vêm na prossecução de uma maior escolaridade, um meio para a realização pessoal, seja pelo alcançar da profissão desejada, seja pela vontade de querer fazer com o que os pais demonstrem orgulho por si.

No que concerne às disciplinas que preferem, e àquelas que não gostam, as respostas são variadas, e enquanto uns gostam, por exemplo, de Português, outros não se vêm interesse nessa disciplina. De igual forma, não foi possível verificar uma ligação entre a profissão desejada no futuro e as matérias que mais ou menos gostam.

As respostas dadas pelos participantes vão de encontro ao que é referido por Creed et al. (2009 citados por Silva, 2010), quando afirmam que, nestes meios, torna-se mais complicada potenciar, ao máximo, as competências individuais necessárias para encontrar e manter um emprego que satisfaça as necessidades de concretização individual. Constatou-se ainda que, tal como defendido por Silva (2010), que a escola é vista como um meio para atingir um trabalho, que assegure a subsistência. Apesar disto, existe nos participantes a noção de que uma escolaridade mínima é requerida para aceder a empregos que garantam tal subsistência.

Vivência num bairro social

Os estigmas associados aos moradores dos bairros sociais, e a forma como desenvolvem as suas atividades nestes locais, estão ligados, não raras vezes, à proliferação de problemáticas sociais como o consumo de drogas, a delinquência, a gravidez na adolescência, entre outros (Maia, 1994). Sendo necessária a inclusão das pessoas que residem neste tipo de habitação, segundo Augusto (1998), a ligação entre a

população dos bairros sociais e o “mundo exterior” não teve o sucesso esperado, o que comporta dificuldades adicionais na vivência nos próprios bairros.

Os adolescentes que participaram neste estudo deixam transparecer, na generalidade, uma boa relação com a vizinhança, gostando de viver no bairro.

Quando responderam à pergunta se gostavam de viver onde se encontram, 5 dos inquiridos disseram que “*Sim*”, ou “*Gosto*”. Quando aos participantes que não responderam desta forma, (P2) respondeu “*Mais ou menos*” e (P6) admitiu que “*Para ser sincera não*”. Quanto às razões apontadas, (P2) mencionou que “*não é um bairro onde uma pessoa socialize muito, pelo menos eu não*”, enquanto que, por sua vez, (P6) descortinou que “*é porque metade é minha família, e sabes que muita família junta da confusão. E eu queria sair de casa, ter a minha própria vida, deixar os meus pais viver a vida deles*”.

As razões apontadas prendem-se com a não existência de muitas confusões e a boa relação com os vizinhos:

“*(...) porque não tem confusões, tudo calmo*” (P1).

“*É um bairro calmo, não confusões, cada um no seu sítio*” (P3).

“*Porque apesar de ser pequenino, tem bastante gente e nós conhecemo-nos e todos e damo-nos bem, no geral*” (P4).

“*Nunca mudei e isto depois de uma pessoa se habituar... Nunca mudei, nunca tive... Já tive em Machico, mas sinto sempre a falta da zona*” (P5).

“*Já conheço os meus vizinhos há bastante tempo e dou-me bem com eles*” (P7).

A boa relação com os vizinhos é, aliás, um parâmetro onde todos jovens disseram a mesma coisa: todos se dão bem com a vizinhança.

Não obstante o facto de a maioria dos adolescentes gostar de viver onde vive, apenas (P6) diz que “*(...) não queria*” mudar de habitação, e continuar no bairro social.

Há ainda um participante (P3), que não sabe se quer ou não continuar a viver no mesmo sítio. Os outros cinco jovens enumeram várias razões para querer sair de onde vivem, nomeadamente:

“Porque... Não gostava de ficar sempre na mesma casa” (P1).

“Porque há lugares melhores para se viver” (P4).

“Porque também não vou viver o resto da vida com a minha mãe e eu quero seguir a minha vida” (P5).

“Ter a minha própria casa e isso” (P7).

O quadro pintado por diversos autores, como Guerra (1994), Maia (1994) e Pinto (1994), de que as pessoas que habitam em meios socioeconómicos desfavorecidos, mais especificamente em bairros sociais, acabam por se fechar em mini comunidades e gerar alguns conflitos entre si, não é corroborado pelas declarações dos adolescentes que fazem do estudo. De facto, a está patente uma relação harmoniosa entre vizinhos, o que leva também a um gosto pelo local onde vivem.

Apesar disso, os resultados apontam para uma tendência dos jovens em quererem ir viver noutros locais, num reconhecimento de que há sítios melhores para se viver, por um conjunto de motivos.

Perspetivas de futuro a curto prazo e longo prazo

A perspetivação do futuro, através da criação de metas, projetos e objetivos variados, está umbicalmente ligada ao interesse, ou falta dele, por parte dos adolescentes, sobre o amanhã (Teles, 2013). O mesmo autor defende que os jovens que se preocupem com o seu futuro, terão a capacidade de o perspetivar, levando a que façam uma melhor gestão do seu tempo e tarefas a realizar, de acordo com o que

pretendem para si próprios, o que, em última análise, levará a um maior bem-estar psicológico. O contrário é válido para os adolescentes que não se interessam com o dia de amanhã, pelo que tenderão a apresentar elevados níveis de desinteresse e, consequentemente, desmotivação para perseguir objetivos a longo prazo.

Os participantes do nosso estudo responderam de forma homogênea sobre o que vêm a fazer daqui a um ano. A continuação dos estudos é um ponto central no futuro, a curto prazo, dos jovens: *“Vejo-me num curso profissional”* (P1); *“A estudar ainda”* (P2); *“Provavelmente a estudar, para conseguir ter o meu objetivo realizado”* (P3); *“A estudar ainda”* (P4); *“Acabar o curso. E trabalho... o que tiver eu vou”* (P5); *“Vejo-me a ir para o 10º. Para completar o 12º”* (P7).

Somente um dos adolescentes manifestou a vontade de estar já a trabalhar:

“A trabalhar. Por mim trabalhava já” (P6).

Embora, o mesmo participante, quando questionado sobre onde ficaria a escola no meio dos seus planos, respondeu:

“Eu pretendia tar a trabalhar e a estudar. Não sei se vai ser possível, mas era o que eu queria” (P6).

Quando colocado face a uma putativa escolha entre trabalhar e estudar, o participante foi pronto a afirmar *“Trabalhar”*.

No tocante a planos para o prazo de cinco anos, encontraram-se respostas divergentes, que indicam diferentes formas de encarar o futuro, mas que têm que ver essencialmente com a acabar a formação, estar a trabalhar e há aqueles que não sabem o que estarão a fazer por essa altura. No primeiro lote, obteve-se as seguintes considerações:

“Vejo-me num curso profissional” (P1).

“Se conseguir, entrar para a Universidade, se não, com esperanças em trabalhar” (P2).

Os participantes que antevêm estar a trabalhar daqui a cinco anos, responderam da seguinte forma:

“Penso que já vou estar a trabalhar” (P4).

“ (...) provavelmente tava ligado a essa cena da eletricidade”, acrescentando mais à frente que *“Já a trabalhar”* (P7).

Há ainda aqueles que não sabem, ou que não conseguem perspetivar o que estarão a fazer daqui a meia década.

“Não sei” (P3).

“Não sei. Eu tou a pensar no presente e não no futuro” (P5).

A única visão que diverge exponencialmente das apresentadas, é a de um dos participantes que sintetiza:

“Ter uma família. Criar a minha própria família e ter a minha própria casa”. (P6).

Os planos revelados pelos jovens, bem como a ausência desses mesmos planos, vão ao encontro do que é referido por Carvalho (2012), sobre a gestão de expectativas acerca do seu futuro, levando a que a motivação para a concretização das metas delineadas seja maior ou menor. É mediante a PTF que os adolescentes apresentam, em diferentes áreas, aquilo que se vêem a fazer no futuro (Carvalho, 2012), quer seja a curto ou longo prazo, dado que, atentando a Husman e Lens (1999), os objetivos não têm obrigatoriamente que se situar num futuro mais próximo, podendo encontrar-se deveras distantes do tempo presente.

Definição de estratégias para cumprir objetivos.

Uma das características da PTF é a definição de estratégias, para serem aplicadas no presente, com o intuito de alcançar os objetivos propostos, em particular no âmbito da construção de carreira, sendo que os adolescentes têm a capacidade de fazer sacrifícios de forma a concretizar os planos definidos. (Zimbardo & Boyd, 1999). Assim sendo, é evidente a compreensão, por parte dos jovens, de que as suas escolhas têm que ser adequadas face às expectativas para o futuro (Marko & Savickas, 1998).

Também na definição de estratégias para cumprir objetivos traçados, constata-se que, quando têm estratégias definidas, o que nem sempre acontece, os participantes tendem a se cingir a conseguir um bom trabalho, ou a continuar focado nos estudos.

“Primeiro eu vou trabalhar” (P5).

“É arranjar um bom trabalho e poupar” (P6).

“Não me distrair dos estudos e não me focar em coisas más” (P1).

“Por enquanto a minha única estratégia é estudar” (P4).

Dois dos participantes não têm qualquer tipo de estratégia para alcançar aquilo que desejam, admitindo, quando inquirido sobre este assunto, que:

“Ainda não” (P2).

“Não, só deixo ir” (P7).

Um dos jovens responde apenas *“Esforçar-me”*, (P3), quando lhe foi feita esta pergunta.

Outro resultado extraído desta pergunta, nos participantes que definiram como estratégia encontrar emprego, tem que ver com o fim a que se destina o trabalho, ficando-se pela aquisição de bens, o que parece estar ligado a uma certa autonomia e/ou independência.

“ (...) guardar dinheiro e a seguir... viver sozinho. E vou comprando as cenas que sempre quis” (P5).

“ (...) Poupar para ir tendo as minhas coisinhas aos poucos, claro que não vamos ter tudo de uma vez.” (P6).

Discussão

A PTF assume um caráter sobremaneira importante, na medida em que coloca em relevo as ações no presente e as implicações futuras. As consequências entre aquilo que se decide fazer hoje, terão impacto no dia de amanhã, pelo que importa referir que a PTF não se trata de uma mera contemplação em relação ao futuro, mas sim de um instrumento que deve ser utilizado em benefício da definição de metas, a curto, médio e longo prazo, e estratégias, para concretizar os seus intentos (Locatelli et al, 2007). Salienta-se então a importância da PTF para a construção do futuro (Janeiro, 2012).

Os jovens demonstraram que sentem apoio dos seus familiares para a prossecução dos seus planos para o futuro, o que está em consonância com o exposto por Lankard (1995), que incide sobre a importância da família para a construção de uma carreira, de forma saudável, propiciando o desenvolvimento pessoal e vocacional. No entanto, ao contrário do suportado pela literatura (Lankard, Keller, & Whiston, 2005), os participantes não querem seguir o mesmo rumo profissional dos pais, o que é pertinente atentar, dado que revela que a influência da família pode ser encara de formas e não apenas pela imposição, mais ou menos manifesta, de que os filhos sigam a profissão dos pais.

Porventura a exposição de Balbinotti (2003), está mais de acordo com o que sucede com estes participantes, dado que a construção de carreira assenta em profissões que não precisam de um elevado nível de qualificação. Tirando um dos adolescentes que quer ingressar no ensino superior, todos os outros jovens, querem ter empregos para os quais, no máximo, o 12º é requisito. A PTF pode ser vista como um fator extra de motivação para os adolescentes encontrarem o rumo certo para alcançar a profissão desejada.

Acrescenta-se ainda o facto de o percurso escolar ser um meio para atingir um fim, fim esse que traduz-se em, uma vez mais, conseguir o emprego pretendido. Ao contrário do que seria desejado, os participantes apenas querem continuar a estudar, até obterem habilitações que lhes permita ser aceites num trabalho que ofereça o mínimo de boas condições. Sendo que quase todos os jovens tiveram um percurso escolar com percalços, mais especificamente a retenção em alguns anos de escolaridade, tem redobrada importância a informação de Shell e Husman (2001), de que a PTF pode aumentar o interesse dos estudantes pela escola, o que leva a um maior envolvimento dos mesmos na comunidade escolar.

A demanda por percursos escolares alternativos é uma constante na vida destes jovens, que ou optaram por seguir o ensino profissional, ou até mesmo a formação para adultos. A aparente incapacidade de atingir os requisitos para alcançar o sucesso escolar dito normal, embora este conceito seja discutível, faz com que as alternativas existentes no sistema de ensino português, sejam mais-valias para os participantes, que podem assim prosseguir os estudos, o que é oposto do defendido por Silva (2010), que argumenta que há dificuldades, em pessoas provenientes destes meios, em continuar os estudos, por vias consideradas alternativas.

Entrando no meio no qual foi realizado o estudo, observou-se o gosto dos adolescentes em viver no bairro onde residem. Constatou-se também que as razões para tal centram-se na relação com a vizinhança que é descrita como sendo saudável, o que leva a que não existam confusões e sobressaltos de maior, mais um fator que conduz a um aproximar entre os jovens e o bairro. O contacto com os participantes aponta no sentido oposto ao de Guerra (1994), que classifica os bairros sociais como ‘guetos’, onde a convivência torna-se difícil, por uma multiplicidade de fatores. Mesmo assim, os adolescentes, regra geral, têm planos para viver noutros locais, na procura de melhores condições, o que pode indicar que a perceção que os participantes têm acerca das suas possibilidades de sucesso, vivendo num meio deste cariz, é diminuta, o que vai ao encontro das ideias de Richardson (1993), que estipula que indivíduos de meios socioeconómicos desfavorecidos são encarados, em muitas ocasiões, como estando à margem da sociedade.

Os participantes deste estudo têm bem claros os planos a curto prazo. Dentro de um ano vêm-se ainda a estudar ou prestes a terminar a sua formação. Novamente, é premente o facto de que os estudos estão ao serviço da procura de uma profissão que satisfaça as mais básicas necessidades de autossuficiência. Tal afirmação, deve-se ao vislumbrar, pelos próprios jovens, de o seu futuro, num prazo de cinco anos, consistir no desempenho da profissão desejada, como também pela aparente ânsia de ganhar uma maior autonomia financeira. Marko e Savickas (1998) seguem uma linha de raciocínio que, de certa forma, sustenta as afirmações dos jovens, dado que a PTF está ao serviço dos adolescentes, possibilitando a planificação de uma futura carreira. Como complemento, Silva (2010) acrescenta que em meios socioeconómicos desfavorecidos, os adolescentes não procuram uma formação que lhes garanta desenvolvimento pessoal,

aumento da autoestima e bem-estar, mas sim que lhes oriente, da melhor forma possível, para um emprego que lhes dê garantias de subsistência.

Para atingir os objetivos definidos, é fundamental desenhar estratégias que satisfaçam os requisitos precisos para alcançar as metas delineadas. Os participantes do deste estudo transmitiram, de uma forma simplista, com conceitos deveras abrangentes, que as estratégias que têm para lograr os seus objetivos, baseia-se na continuação dos estudos, ou no ingresso no mercado de trabalho. Pelas respostas dadas, gerou-se a assunção, e seguindo a linha de Carvalho (2012), que nos demonstra que a PTF permite elaborar planos e estratégias para o futuro, de que os participantes ainda não conseguem potencializar a PTF como um instrumento que levará ao desenvolvimento de um futuro próspero.

Conclusão

Com a concretização desta investigação pretendeu-se explorar as questões adjacentes à construção de carreira em adolescentes de meios socioeconómicos desfavorecidos, mais precisamente qual a influência da perspetiva temporal de futuro em todo este processo. Ao longo do estudo, foram-se descobrindo novas informações que alteraram, de forma mais, ou menos, significativa, o rumo inicialmente tomado.

Reforça-se novamente o princípio de que os resultados obtidos no decorrer deste estudo devem ser lidos à luz do contexto onde se levou a cabo a investigação. Não se deseja, de todo, a generalização dos resultados a outros contextos e/ou participantes. No entanto, havendo naturais similaridades entre o meio em estudo, e outros meios com as mesmas características, espera-se que a dissertação agora finalizada venha contribuir para uma maior compreensão das vivências dos adolescentes que estão inseridos nesta

esfera, e a forma como a PTF pode impactar as suas vidas em geral, e carreiras profissionais, em particular. O fomento de uma maior inclusão social, capacitando as populações mais desfavorecidas, nomeadamente os mais jovens, é outro ponto central deste trabalho.

Em meios socioeconómicos desfavorecidos sempre foi observável uma discrepância entre o percurso de vida das pessoas que residem em zonas que dispõem de um conjunto de critérios para assim o serem consideradas, em relação a áreas habitadas por cidadãos de estatutos sociais mais elevados. Não obstante, as políticas públicas tiveram um efeito positivo na transformação da vida dos moradores dos bairros sociais. A procura por uma maior justiça social levou a que fossem implementadas medidas que facilitaram o acesso, por parte dos adolescentes, a recursos que visaram o aumento das suas competências.

Mesmo sendo expectável que em meios como aquele em estudo a exploração vocacional seja feito em função da entrada do mercado de trabalho, mais propriamente com o intuito de encontrar um emprego que satisfaça as necessidades mais básicas (Silva, 2010), é imprescindível olhar para as questões da construção de carreiras destes jovens de uma maneira diferente. Afigura-se fulcral direccionar os adolescentes para escolhas vocacionais e profissionais que se traduzam num aumento da sua autoestima, promovendo a autorrealização e levando a que haja um incremento da valorização pessoal. Cingir a construção de carreira a um propósito de sobrevivência é demasiado simplista e não se coaduna com os princípios defendidos pela sociedade de hoje.

O meio familiar surge como um importante apoio para a sustentação de um percurso que se quer de sucesso (Lankard, 1995). Proporcionar condições às famílias para se tornarem parte integrante do desenvolvimento pessoal e vocacional dos mais novos, tem que ser uma prioridade, especialmente a se atentarmos ao suporte concedido

pelos membros da família aos adolescentes deste estudo, que favorece significativamente os resultados obtidos pelos jovens nas mais diversas áreas do seu desenvolvimento pessoal e vocacional.

Reduzir a escolaridade a apenas um meio ao serviço da obtenção de um emprego é demasiado redutor, no entanto é exatamente isso que acontece com os jovens que integraram o estudo, que vêm a escola no seu horizonte a curto prazo, mas reduzem-na à função especificada. Deve ser uma preocupação de todos nós, incentivar a consecução dos estudos numa ótica de crescimento enquanto seres humanos. Por sua vez, os planos a longo prazo são igualmente redutores, e novamente não existe por parte dos adolescentes a capacidade de perceber que o trabalho não é um fim em si mesmo, mas um meio para atingir uma das três necessidades básicas concretizadas através do trabalho (Blustein, 2006). Colocar em relevo o papel do trabalho na autodeterminação e a conexão social é imprescindível para facultar a quem vive nestes contextos, a capacidade de ter um futuro feliz.

A definição de estratégias para o futuro é um aspeto basilar para que os participantes neste estudo consigam alcançar aqui que desejam e os objetivos que delinearam para si. As estratégias apresentadas pelos jovens revelam-se extremamente generalistas, demonstrando a incapacidade de dividir por pequenas etapas o processo que leva à concretização das suas metas. Embora tenham a vista a conquista de uma maior autonomia, os jovens apenas se fixam na procura de um trabalho, como forma de garantir essa conquista. É, portanto, crucial encaminhar os jovens para um percurso que lhes ensine a definir estratégias mais específicas, com o intuito de aproximar as metas desejadas, que se afiguram longínquas, tendo em conta as deficitárias estratégias.

No meio em estudo, e caracterizando a PTF, esta encontra-se subdesenvolvida face ao que seria desejável. Sendo verdade que os jovens conseguem descortinar a

importância de certas vertentes, como a escolarização, há uma dificuldade em compreender um quadro mais geral em que a perspectiva temporal de futuro teria um papel central no desenvolvimento pessoal e vocacional dos adolescentes. A perspectiva que têm sobre o tempo futuro é influenciada pela forma como vivem no presente, sobretudo pelas condições que possuem, as quais querem ver melhoras. Como tal, é imprescindível aprimorar a PTF, desenvolvendo esta dimensão da personalidade nos jovens.

O meio em que foi realizado o estudo parece ter influência na PTF, na medida em que os jovens demonstram dificuldades em perspetivar o seu futuro para além da obtenção de um trabalho que garanta um rendimento que permita a obtenção de bens materiais, que por sua vez irá se traduzir numa maior autonomia. Não parece também existir a visão para elaborar planos a concretizar no futuro, de forma detalhada e específica, para além de que as estratégias são demasiado generalistas, o que pode ter que ver com, face à vivência no meio em questão, não ser haver estímulos para pensar no futuro, começando, já no presente, a definir formas de alcançar os resultados desejados.

A inclusão social passa, também, por atribuir ferramentas aos adolescentes destes meios, que os capacitem a se desenvolverem como seres humanos de pleno direito, procurando a sua felicidade. Neste sentido, a PTF tem que ser explorada e desenvolvida, com recurso às autoridades competentes, dinamizando programas com estes jovens, a fim de se demonstrar que é possível prosperar no futuro, se se agir no presente, levando em conta aquilo que se quer para a vida.

A PTF é importante para a construção de carreira de adolescentes de meios socioeconómicos desfavorecidos, na medida que tem a particularidade de servir de mitigadora dos efeitos que a influência do meio em questão tem no desenvolvimento

vocacional dos jovens. Tal feito é conseguido mediante a compreensão de que as ações que hoje são desempenhadas têm um papel fundamental no dia de amanhã. Os sacrifícios do presente são insubstituíveis, para os benefícios conseguidos no futuro. Assim, a PTF ajuda os adolescentes a superar as adversidades que se lhes apresentam ao longo do seu percurso, permitindo-lhes alargar horizontes, pelo que é uma área que merece maior atenção por parte da sociedade.

Como limitações do presente estudo, e implicações para futuras investigações, constata-se que a amostra poderia ser um pouco maior, de forma a tornar mais fiel o conjunto de resultados obtidos. Também seria interessante alargar os locais onde o estudo foi conduzido, dado que os adolescentes que constituem a amostra moram apenas num bairro social do Funchal. Um outro aspeto a aprimorar, prende-se com a própria condução da entrevista que poderia abarcar questões mais específicas relativas às perspetivas de futuro dos jovens, em especial quando estes são parcos nas respostas. É fundamental que os investigadores se debrucem, cada vez mais, sobre esta problemática, procurando modelos teóricos alternativos para explicar um fenómeno que é tão característicos dos nossos tempos.

Bibliografia

- Almeida, L. S., & Freire, T. (2008). *Metodologia da investigação em Psicologia da Educação*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Almeida, M., & Pinho, L. (2008). Adolescência, família e escolhas: Implicações na orientação profissional. *Psicologia Clínica*, 20, 173–184.
- Altheide, D. L. & Johnson, J. M. (1994). Criteria for assessing interpretive validity in qualitative research. In: Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (eds), *Handbook of Qualitative Research* (pp.485-499). Thousand Oaks, CA: Sage Publications
- Alves-Mazzotti, A. (2006). Usos e abusos dos estudos de caso. *Cadernos de Pesquisa*, 36, 637-651.
- American Psychological Association (2007). *Report of the APA task force on socioeconomic status*. Washington, DC: Author.
- Augusto, N. M. (1998). *Apropriação do Espaço e Desenvolvimento em Bairros Sociais – um estudo de caso* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Évora.
- Balbinotti, M. A. A. (2003). A noção transcultural de maturidade vocacional na teoria de Donald Super. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16, 461-473.
- Bardin, L. (2009). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Belei, R., Gimenez-Paschoal, S. R., Nascimento, E., & Matsumoto, P. (2008). O uso de entrevista, observação e vídeo-gravação em pesquisa qualitativa. *Cadernos de Educação*, 30, 187-199.
- Berger, P. L. & Luckmann, T. (1966). *The Social Construction of Reality: A Treatise in the Sociology of Knowledge*. Garden City, NY: Doubleday.
- Blustein, D. (2006). *The psychology of working: A new framework for counseling practice and public policy*. Mahwah: New Jersey
- Blustein, D. L., Chaves, A. P., Diemer, M. A., Gallagher, L. A., Marshall, K. G., Sirin,

- S., & Bhati, K. S. (2002). Voices of the forgotten half: The role of social class in the school-to-work transition. *Journal of Counseling Psychology*, 49, 311 – 323.
- Boni, V., & Quaresma, S. (2005). Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduados em Sociologia Política da UFSC*, 2, 68-80.
- Brown, M. T., Fukunaga, C., Umemoto, D., & Wicker, L. (1996). Annual review 1990–1996: Social class, work, and retirement behavior. *Journal of Vocational Behavior*, 49, 159–189.
- Carvalho, R. G. (2012). *A Personalidade na compreensão do percurso escolar na Adolescência*. Tese de Doutorado não publicada. Universidade de Lisboa.
- Carvalho, R. G. (2015a). Future time perspective as a predictor of adolescents' adaptive behavior in school. *School Psychology International*, 36, 482–497.
- Carvalho, R. G. (2015b). Quantitative and qualitative assessment of adolescents' future time perspectives. *Paidéia*, 25, 163–172.
- Carvalho, R.G., & Novo, R.F. (2012). Family socioeconomic status and student adaptation to school life: Looking beyond grades. *Electronic Journal of Research in Educational Psychology*, 10, 1209-1222.
- Carvalho, R. G., Pocinho, M., & Silva, C. (2010). Comportamento adaptativo e perspectivação do futuro: Algumas evidências nos contextos da educação e da saúde. *Psicologia: Reflexão e Crítica/Psychology*, 23, 554–561.
- Charmaz, K. (2006). *Constructing grounded theory*. London: Sage.
- Clandinin, D. J., & Connelly, F. M. (2000). *Narrative inquiry: Experience and story in qualitative research*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Creswell, J. W. (2007). *Qualitative inquiry and research design: choosing among five traditions*. (2^a ed). California: Sage Publications.

- Denzin, N. K. & Lincoln, Y. S. (1994). Introduction: Entering the field of qualitative research. In: N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (eds.), *Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Eisenhart, M. A. & Howe, K. R. (1992). Validity in educational research. *The handbook of qualitative research in education* (pp. 643-680). San Diego, CA: Academic Press.
- Filomeno, K. (1997). *Mitos familiares e escolha profissional: uma visão sistêmica*. São Paulo: Vetor.
- García-Ramírez, M. Balcázar, F., & Freitas, C. (2014). Community psychology contributions to the study of social inequalities, well-being and social justice. *Psychosocial Intervention*, 23, 79-81.
- Glaser, B. G. (1992). *Basics of grounded theory analysis*. Mill Valley, CA: Sociology Press.
- Gonçalves, S. R. T. (2007). *O desenvolvimento da carreira em adultos pouco escolarizados*. Dissertação de Mestrado não publicada. Universidade de Aveiro.
- Gottfredson, L. S. (2005). Using Gottfredson's theory of circumscription and compromise in career guidance and counseling. In S. D. Brown, & R. W. Lent (Eds.), *Career development and counseling: Putting theory and research to work* (pp. 71–100). New York, NY: Wiley.
- Guba, E. G. & Lincoln, Y. S. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In: N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (eds), *Handbook of Qualitative Research*. Thousand Oaks, CA: Sage, pp. 105–117.
- Guerra, I. (1994). As pessoas não coisas que se ponham em gavetas. *Sociedade e Território*, 20, 11-16.
- Herr, E. L. (2008). Social contexts for career guidance throughout the World. In J. A.

- Athanasou & R. V. Esbroeck (Eds.). *International Handbook of Career Guidance*. Springer Netherlands.
- Hsieh, H.-H., & Huang, J. T. (2014). The effects of socioeconomic status and proactive personality on career decision self-efficacy. *The Career Development Quarterly*, 62, 29–43.
- Husman, J., & Lens, W. (1999). The role of the future in student motivation. *Educational Psychologist*, 34, 113–125.
- Janeiro, I. (2012). O inventário de perspectiva temporal: estudo de validação. *RIDEP*, 34(1), 117-132
- Júnior, A., & Júnior, N. (2012). A utilização da técnica da entrevista em trabalhos científicos. *Evidência*, 7, 237-250.
- Keller, B. K. & Whiston, S. C. (2004). The influences of the family of origin on career development: A review and analysis. *The Counseling Psychologist*, 32, 493-569.
- Kuzel, A. J. & Like, R. C. (1991). Standards of trustworthiness for qualitative studies in primary care. In: P. G. Norton, M. Steward, F. Tudiver, M. J. Bass & E. V. Dunn (eds.), *Primary Care Research*. Newbury Park, CA: Sage Publications, pp. 138–158.
- Lankard, B. A. (1995). *Family role in career development*. ERIC Clearinghouse.
- Leininger, M. (1994). Evaluation criteria and critique of qualitative research studies. *Critical issues in qualitative research methods* (pp. 95-115). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Lens, W., Paixão, M. P., Herrera, D., & Grobler, A. (2012). Future time perspective as a motivational variable: Content and extension of future goals affect the quantity and quality of motivation. *Japanese Psychological Research*, 54, 321–333.
- Lens, W., & Tsuzuki, M. (2007). The role of motivation and future time perspective in

- educational and career development. *Psychologica*, 46, 29–42.
- Lincoln, Y. S. (1995). Emerging criteria for quality in qualitative and interpretive research. *Qualitative Inquiry*, 3, 275-289.
- Lincoln, Y., & Guba, E. (1985). *Naturalistic inquiry*. California: Sage Publications.
- Locatelli, A. C., Bzuneck, J. A., & Guimarães, S. E. (2007). A motivação de adolescentes em relação com a perspectiva de tempo futuro. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20, 268-276.
- Maia, H. L. (1994). Representações da Pobreza: Proximidade Geográfica e Distância Social. *Sociedade e Território*, 20, 63-70.
- Marshall, C. (1990). Goodness criteria: Are they objective or judgment calls? In E. G. Guba (Ed.), *The paradigm dialog* (pp. 188-197). Newbury Park, CA: Sage.
- McWhirter, E. H., Hackett, G., & Bandalos, D. L. (1998). A causal model of the educational plans and career expectations of Mexican American high school girls. *Journal of Counseling Psychology*, 45, 166–181.
- Mello, Z. R., Finan, L. J., & Worrell, F. C. (2013). Introducing an instrument to assess time orientation and time relation in adolescents. *Journal of Adolescence*, 36(3), 551–563.
- Miles, M. B. & Huberman, A. M. (1994). *Qualitative data analysis: A sourcebook of new methods* (2^a Ed.) Thousand Oaks, CA: Sage.
- Morse, J. M. (1992). *Qualitative health research*. California: Sage Publications.
- Nepomuceno, R., Witter, G. (2010). Influência da família na decisão profissional: opinião de adolescentes. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*. 14, 15-22.
- Öhman, A. (2005). Qualitative methodology for rehabilitation research. *Journal of Rehabilitation Medicine*, 37, 273-280.

- Pinto, T. C. (1994). A Apropriação do Espaço em Bairros Sociais: o Gosto Pela Casa e o Desgosto Pelo Bairro. *Sociedade e Território*, 36-43.
- Richardson, M. S. (1993). Work in people's lives: A location for counseling psychologists. *Journal of Counseling Psychology*, 40, 425–433.
- Reid, A. J. (1996). What we want: Qualitative research. *Canadian Family Physician*, 42, 387–389.
- Saavedra, L. (2010). Justiça social em psicologia vocacional: que formação para os profissionais de psicologia? *Psicologia & Sociedade*, 22, 578-586.
- Savickas, M. L. (1997). Career adaptability: An integrative construct for life-span, life-space theory. *The Career Development Quarterly*, 45, 247–259.
- Schilling, J. (2006). On pragmatics of qualitative assessment: designing the process for content analysis. *European Journal of Psychological Assessment*, 22, 28-37.
- Secker, J., Wimbush, E., Watson, J. & Milburn, K. (1995). Qualitative methods in health promotion research: Some criteria for quality. *Health Education Journal* 54, 74-87.
- Shell, D., & Husman, J. (2001). The multivariate dimensionality of personal control and future time perspective beliefs in achievement and self-regulation. *Contemporary Educational Psychology*, 26, 481-506.
- Shores, K., & Scott, D. (2007). The relationship of individual time perspective and recreation experience preferences. *Journal of Leisure Research*, 39, 28–59.
- Silva, F. R. F. (2010). *Competências de exploração vocacional de adultos não universitários*. Dissertação de Mestrado não publicada. Universidade do Minho.
- Silva, J. J. (2006). *O papel da família na escolha profissional*. São Caetano do Sul: Yendis.
- Silva, C., Gobbi, B., & Simão, A. (2005). O uso da análise de conteúdo como uma

ferramenta para a pesquisa qualitativa: descrição e aplicação do método.

Organizações Rurais e Agroindustriais, 7, 70-81.

Smith, J. K. (1983). Quantitative versus qualitative research: An attempt to clarify the issue. *Educational Researcher* 12, 6–13.

Strauss, A., & Corbin, J. (1990). *Basics of qualitative research: Grounded theory procedures and techniques*. Newbury Park, CA: Sage.

Strauss, A., & Corbin, J. (1998). *Basics of qualitative research: Grounded theory procedures and techniques* (2^a ed.). Newbury Park, CA: Sage.

Teles, M. (2013). *Perspetiva Temporal de Futuro, Instrumentalidade Escolar e Estratégias de Estudo numa Amostra de Estudantes Brasileiros e Portugueses*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Coimbra, Portugal.

Thorne, S. (1997). The art (and science) of critiquing qualitative research. *Completing qualitative project: Details and dialogue* (pp. 117-132). Thousand Oaks, CA: Sage.

Turner, S. L., & Lapan, R. T. (2003). The measurement of career interests among at-risk inner-city and middle-class suburban adolescents. *Journal of Career Assessment*, 11, 405–420.

Wolcott, H. F. (1994). *Transforming qualitative data: Description, analysis, and interpretation*. Thousand Oaks, CA: Sage.

Zimbardo, P. G., & Boyd, J. N. (1999). Putting time in perspective: A valid, reliable individual-differences metric. *Journal of Personality and Social Psychology*, 77, 1271-1288.

Anexos

Anexo II – Consentimento Informado (pais)

Eu, _____, declaro que autorizo o meu filho/a _____ a participar no estudo “Perspetiva Temporal de Futuro na Construção de Carreira de Adolescentes de Meios Socioeconómicos Desfavorecidos”, elaborado no âmbito do 2º Ciclo de Estudos em Psicologia da Educação, pelo aluno Maurício Manuel Abreu Ornelas, tendo sido informado/a dos objetivos do mesmo.

Declaro igualmente que fui informado/a de que os dados fornecidos são sigilosos, e apenas serão usados no presente estudo.

Qualquer informação prestada no decorrer do estudo pode ser por mim requerida, independentemente da forma que foi registada.

Funchal, _____ de 2017

Anexo III – Entrevista P1**Dados pessoais:**

- *Que idade tens?*

R: 15.

- *Onde nascestes?*

R: Na Madeira. (*Em que parte da Madeira?*) R: Santo António (*Foi aqui no Bairro?*) R: Sim.

- *Qual o ano de escolaridade que frequentas (nível escolar)?*

R: 6º, num curso de práticas comerciais.

- *Sempre viveste aqui?*

R: Não.

- *Onde viveste antes?*

R: No bairro da Quinta Falcão, só que noutra bairro.

- *Há quanto tempo vives aqui?*

R: 7 a 8 anos

Vida familiar:

- *Vives com quem?*

R: Com a minha mãe, com os meus 5 irmãos e com o meu padrasto.

- *Que relação tens com os teus familiares?*

R: Boa.

- *Que atividades fazes com a tua família?*

R: Falamos. Brincamos

- *Qual é a profissão dos teus pais?*

R: Minha mãe é desempregada e camionista (*Quem é camionista?*) R: O meu padrasto.

Percurso escolar:

- *O que achas da escola?*

R: Acho boa.

- *Já repetiste algum ano? Qual/Quais?*

R: 5º e 6º.

- *Quais foram as tuas notas no último período?*

R: Não tive nenhuma negativa.

- *E tiveste 5, 4, 3?*

R: Tive quattros... Tive um cinco e o resto foi quase tudo quattros... tive um três.

- *Quais são as disciplinas que mais gostas?*

R: Matemática, TIC e E.F.

- *E as que menos gostas?*

R: Português, Ciências e Historia

- *Até onde queres continuar a estudar? Porquê?*

R: Até ao 12º.

- *E porquê que queres continuar a estudar até ao 12º?*

R: Que é para ter um emprego no futuro... Um emprego razoável.

- *Consideras a escola importante para o teu futuro?*

R: Sim.

- *Tens amigos na escola?*

R: Tenho

- *Para além das aulas, o que fazes na escola com os teus amigos?*

R: Jogar a bola, falo com eles.

Expectativas em relação ao trabalho:

- *Qual a profissão que queres seguir?*

R: Não sei.

- *Não tens nenhuma ideia?*

R: Não, Não.

Vivência num bairro Social:

- *Gostas de viver aqui? Porquê?*

R: Gosto, porque não tem confusões, tudo calmo.

- *Quais são os teus hábitos aqui no bairro?*

R: Não costumo...

- *Não? Ficas mais em casa?*

R: Sim.

- *Como te dás com os teus vizinhos?*

R: Dou-me bem. Dentro do possível...

- *No futuro, queres viver noutra local, ou preferes continuar a viver aqui?*

R: Gostava de viver noutra sítio.

- *E porquê?*

R: Não sei... Porque... Não gostava de ficar sempre na mesma casa.

- *O que gostas mais no bairro?*

R: O facto de ser muito calmo e não haver confusões como já disse...

- *O que gostas menos?*

R: Não há nada que eu não goste.

Ocupação dos tempos livres:

- *O que fazes nos tempos livres? (ex.: ler, ver televisão, desporto, música)*

R: Falar ao telefone, vejo televisão...

- *Vais ao telefone fazer o quê?*

R: Ouvir música.

- *E o que fazes mais?*

R: Ver filmes e séries e falo com os meus amigos. Jogo playstation...

- *Quando estás de férias o que costumavas fazer?*

R: Costumo fazer a mesma coisa... às vezes caminho... com os meus amigos ou a minha família.

- *Passeias com a tua família?*

R: Sim...

- *Com quem costumavas passar os teus tempos livres?*

R: Com a minha família

Planos futuros:

- *O que te vês a fazer daqui a um ano?*

R: Vejo-me num curso profissional.

- *De quê, sabes de quê?*

R: Ainda não sei.

- *E daqui a cinco anos?*

R: Talvez, num 11º ou 12º. Não tenho a certeza.

- *Tens alguma estratégia para alcançar aquilo que queres?*

R: Não me distrair dos estudos e não me focar em coisas más.

Anexo IV – Entrevista P2**Dados pessoais:**

- *Que idade tens?*

R: 21

- *Onde nascestes?*

R: Na Madeira. Santo António

- *Santo António, em que parte de Santo António?*

R: Quinta Falcão.

- *Qual o ano de escolaridade que frequentas (nível escolar)?*

R: 11º. Tou num curso profissional.

- *Sempre viveste aqui?*

R: Não

- *Onde viveste antes?*

R: Na outra Quinta Falcão.

- *Há quanto tempo vives aqui?*

R: 7 anos.

Vida familiar:

- *Vives com quem?*

R: Com a minha mãe, com os meus 5 irmãos e o meu padastro.

- *Que relação tens com os teus familiares?*

R: Boa.

- *O que consideres que é uma boa relação?*

R: Consigo tolerar eles.

- *Que atividades fazes com a tua família?*

R: Não faço muitas. Só costuma-se conversar ou ver televisão e vídeos juntos.

- *Qual é a profissão dos teus pais?*

R: A Minha mãe é desempregada e o meu padastro é camionista.

Percurso escolar:

- *O que achas da escola?*

R: Que é uma coisa necessária.

- *Já repetiste algum ano?*

R: 3 anos.

- *Podés dizer quais?*

R: 1º, 6º e 8º.

- *Quais foram as tuas notas no último período?*

R: Foram decentes...

- *E o que é isso de decentes?*

R: Só tive uma nega, o resto foram positivas.

- *Foi tudo 3, 4? As tuas notas são de 0 a 5, ou de 0 a 20?*

R: São de 0 a 20. Foram todas acima do 10...

- *Quais são as disciplinas que mais gostas?*

R: As disciplinas que eu mais gosto é biologia, embora não tenha e... Inglês

- *E as que menos gostas?*

R: Educação Física e Português.

- *Até onde queres continuar a estudar? Porquê?*

R: Gostava de ir até à Universidade.

- *Gostavas de tirar um curso superior... e porquê?*

R: Gostava de ser biólogo.

- *Consideras a escola importante para o teu futuro?*

R: Sim.

- *Porquê?*

R: Que é onde ensinam as capacidades que é necessárias... Embora nem sempre eu seja bem-educado de vez em quando

- *Como assim?*

R: às vezes os professores não dão bem as aulas, ou não sabem como dar as aulas...

- *Tens amigos na escola?*

R: Tenho alguns.

- *Para além das aulas, o que fazes na escola com os teus amigos?*

R: Não faço muita coisa... às vezes falo com os professores ou vou para a biblioteca ler alguma coisa que gosto.

Expectativas em relação ao trabalho:

- *Já disseste que querias ser biólogo... O que te levou a querer ter essa profissão?*

R: Ehhh... Eu acho a Natureza interessante. A maneira como ela pode evoluir... E as maneiras como ela pode ser tão diferente. Dependendo do lugar onde tãõ, ou quais foram os parentes do... do... do ser vivo.

- *Existe alguém que te encoraje a seguir esse trabalho?*

R: Não. Neste momento não.

- *O que precisas de fazer para alcançar a profissão que queres?*

R: Estudar bastante e ter vontade para conseguir fazer.

Vivência num bairro Social:

- *Gostas de viver aqui? Porquê?*

R: Mais ou menos. Não costuma haver muitas confusões, mas também não é um bairro onde uma pessoa socialize muito, pelo menos eu não.

- *Quais são os teus hábitos aqui no bairro?*

R: Não tenho muitos. Só costumo ficar em casa, ou de vez em quando vou com a família a algum lado.

- *Se saíres é só com a família é isso?*

R: Sim.

- *Como te dás com os teus vizinhos?*

R: Bem acho eu. Não costuma falar com eles, só quando saio de casa.

- *E quando falas com eles, dás-te bem?*

R: Dou, dou.

- *No futuro, queres viver noutra local, ou preferes continuar a viver aqui?*

R: Gostaria de continuar a viver na Madeira, mas noutra parte da Madeira.

- *O que gostas mais no bairro?*

R: Não sei, não costuma haver muitas confusões...

- *O que gostas menos?*

R: Eh, como a área tá feita.

- *Como assim?*

R: Tipo a estrada que tá ali ao pé do café na tá bem feita, podia tar mais bem feita. E as áreas à volta do edifício têm áreas abandonas. Fizer hortas e abandonaram-nas.

Ocupação dos tempos livres:

- *O que fazes nos tempos livres? (ex.: ler, ver televisão, desporto, música)*

R: Não muita coisa. Tar no telemóvel ou a ver vídeos na playstation, ou no telemóvel

- *O que fazes no telemóvel? Só ver jogos?*

R: Jogo. Vejo twitter e facebook e falo com uns amigos online.

- *Quando estás de férias o que costumavas fazer?*

R: A mesma coisa que disse na pergunta anterior, mas tento arranjar algum projeto para me entreter...

- *E, por exemplo, nas férias de Verão passadas arranjaste algum projeto para te entreteres?*

R: Não, não consegui.

- *Com quem costumavas passar os teus tempos livres?*

R: Com a família. Tou sempre em casa com a família.

Planos futuros:

- *O que te vês a fazer daqui a um ano?*

R: A estudar ainda

- *E daqui a cinco anos? A estudar ainda?*

R: Talvez, Se conseguir entrar para a Universidade, se não, com esperanças em trabalhar.

- *Tens alguma estratégia para alcançar aquilo que queres?*

R: Ainda não

- *E já pensas em arranjar alguma estratégia?*

R: Sim.

- *E o quê que tu pensas?*

R: Que vai ser difícil.

Anexo V – Entrevista P3**Dados pessoais:**

- *Que idade tens?*

R: 18

- *Onde nascestes?*

R: No Funchal. Em São Pedro.

- *Ok. Estás a te referir ao hospital, mas quando saíste do hospital foste para onde?*

R: São João.

- *Qual o ano de escolaridade que frequentas (nível escolar)?*

R: 10º, no ensino profissional.

- *Sempre viveste aqui?*

R: Não

- *Onde viveste antes? Sempre em São João?*

R: Não. Foi no Imaculado Coração de Maria.

- *Há quanto tempo vives aqui?*

R: Há... 7 anos

Vida familiar:

- *Vives com quem?*

R: Com o meu pai, os meus 5 irmãos e a minha madrasta

- *Que relação tens com os teus familiares?*

R: Posso dizer que é boa.

- *Que atividades fazes com a tua família?*

R: Jogos. Conversar. Passear.

- *Qual é a profissão dos teus pais?*

R: O meu pai é camionista e a minha madrasta é desempregada.

Percurso escolar:

- *O que achas da escola?*

R: É boa

- *O que é isso de ser boa, porquê é que boa?*

R: Dá-nos mais informação daquilo que queremos saber. Mais escolaridade para poder ter um trabalho.

- *Já repetiste algum ano?*

R: Sim.

- *Quantos e Quais?*

R: O 4º, o 7º e o 9º.

- *Quais foram as tuas notas no último período?*

R: Não me lembro, mas acho que só tive uma negativa

- *Quais são as disciplinas que mais gostas?*

R: Saúde...

O nome da disciplina é saúde?

R: É prevenção de cuidados de saúde.

- *Ok... Tens mais que gostas?*

R: TIC, Educação Física

- *E as que menos gostas?*

R: Matemática, Inglês e Área de Integração

- *E o que é a área de Integração?*

R: é como se fosse um bocadinho de geografia e história.

- *Estás no ensino profissional então?*

R: Sim

- *Até onde queres continuar a estudar? Porquê?*

R: Até ao 12º ano. Porque nunca pensei ir para a Universidade.

- *E porquê que queres ir até o 12º*

R: Porque hoje em dia se for para arranjar trabalho, são poucos os trabalhos ou empresas que recebem pessoas só com o 9º ano.

- *Consideras a escola importante para o teu futuro?*

R: Sim claro

- *Tens amigos na escola?*

R: Sim.

- *Muitos? Poucos?*

R: Poucos amigos mas muitos colegas.

- *Para além das aulas, o que fazes na escola com os teus amigos?*

R: às vezes fazemos atividades, outras vezes trabalhos em conjunto...

- *Que tipo de atividades?*

R: Às vezes ficamos um bocadinho na hora de almoço a jogar as cartas, ou até mesmo a conversarmos ou vamos dar uma volta. Depende do tempo que nós temos.

Expectativas em relação ao trabalho:

- *Qual a profissão que queres seguir?*

R: ehhh... Auxiliar de saúde.

- *E o que te levou a querer seguir essa profissão?*

R: Ver que hoje em dia na... na... na minha área, digamos assim, há menos pessoas a trabalhar, e mais... e mais idosos e crianças nos lares e instituições e é aí que eu posso trabalhar e ajudar os outros.

- *Existe alguém que te encoraje a seguir esse trabalho?*

R: Sim... A minha madrasta, os meus professores, o meu pai.

- *O que precisas de fazer para alcançar a profissão que queres?*

R: Preciso de estudar. Acabar este curso, porque é para isso que estou no curso profissional de auxiliar de saúde e estudar bastante para passar os anos para conseguir...

Vivência num bairro Social:

- *Gostas de viver aqui? Porquê?*

R: Sim. É um bairro calmo, não confusões, cada um no seu sítio. Gosto.

- *Quais são os teus hábitos aqui no bairro?*

R: Como assim?

- *O que costumavas fazer no bairro?*

R: Normalmente fico em casa, ou saio com a minha família... Não sou de andar muito no bairro.

- *Como te dás com os teus vizinhos?*

R: Bem. Bom dia, boa tarde, não sou muito de conviver.

- *No futuro, queres viver noutra local, ou preferes continuar a viver aqui?*

R: Não sei...

- *O que gostas mais no bairro?*

R: O facto de ser calmo.

- *O que gostas menos?*

R: Não tenho nada a apontar.

Ocupação dos tempos livres:

- *O que fazes nos tempos livres? (ex.: ler, ver televisão, desporto, música)*

R: Costumo brincar com a minha irmã. Ajudar a minha madrasta. Ver televisão.

- *Quando estás de férias o que costumavas fazer?*

R: Passear com a minha família.

- *Com quem costumavas passar os teus tempos livres?*

R: Com os meus irmãos, com a minha madrasta e com o meu pai.

Planos futuros:

- *O que te vês a fazer daqui a um ano?*

R: Provavelmente a estudar, para conseguir ter o meu objetivo realizado.

- *E esse objetivo é?*

R: Ter trabalho na área que estou a estudar.

- *E daqui a cinco anos?*

R: Não sei.

- *Não consegues imaginar o que vais estar a fazer daqui a 5 anos?*

R: Não.

- *Tens alguma estratégia para alcançar aquilo que queres?*

R: Esforçar-me.

Anexo VI – Entrevista P4**Dados pessoais:**

- *Que idade tens?*

R: 15

- *Onde nascestes?*

R: No Funchal.

- *Ok. Quando nasceste já vivias aqui?*

R: Sim.

- *Qual o ano de escolaridade que frequentas (nível escolar)?*

R: 10º

- *Frequentas onde?*

R: Na Escola Gonçalves Zarco

Vida familiar:

- *Vives com quem?*

R: Com a minha irmã e com a minha mãe.

- *Que relação tens com os teus familiares?*

R: É uma boa relação

- *Que atividades fazes com a tua família?*

R: Eu estudo, a minha irmão e a minha trabalham. Só durante o fim-de-semana estamos em casa as três.

- *E o que fazem ao fim-de-semana?*

R: Limpamos a casa, fazemos o almoço e o jantar...

- *As tarefas da casa então...?*

R: Sim.

- *Qual é a profissão da tua mãe?*

R: É cozinheira.

Percurso escolar:

- *O que achas da escola?*

R: A escola é preciso.

- *A escola é preciso... Fazes como uma necessidade é?*

R: Sim.

- *Se pudesses não ir, não ias?*

R: Agora eu não desistia porque tou no 10º e quero acabar o 12º, mas eu não gosto assim muito.

- *Já repetiste algum ano?*

R: Não.

- *Quais foram as tuas notas no último período?*

R: Acho que tive duas negativas.

- *Sabes a quê?*

R: A MACS, matemática aplicada às ciências e Geografia A.

- *Quais são as disciplinas que mais gostas?*

R: Inglês e Português.

- *E as que menos gostas?*

R: Filosofia e História.

- *Até onde queres continuar a estudar? Porquê?*

R: Até ao 12º ano. Porque hoje em dia para arranjar trabalho é necessário o 12º em quase todos os estabelecimentos e empresas

- *Consideras a escola importante para o teu futuro?*

R: Sim. A escola é importante não só pelo futuro, no mundo do trabalho, como também para nos tornarmos pessoas melhores.

- *Tens amigos na escola?*

R: Sim.

- *Muitos? Poucos?*

R: Poucos, porque eu fiz transferência a meio do ano.

- *E fizeste transferência porquê?*

R: Eu fui para a Francisco Franco, mas não estava a gostar, não me estava a adaptar muito bem.

- *Para além das aulas, o que fazes na escola com os teus amigos?*

R: Nada, na escola nada.

- *Ou seja quando vais à escola é so para as aulas e depois vens para casa?*

R: Sim

Expectativas em relação ao trabalho:

- *Qual a profissão que queres seguir?*

R: Eu ainda não sei.

- *Não tens assim nenhuma ideia?*

R: Eu... por acaso pensei em ir para o curso de esteticista porque não sei se vou conseguir seguir o ensino regular e vou ter que ir para o ensino profissional e queria tirar o curso de esteticista.

- *Ok, estás em que agrupamento?*

R: Não sei... agora não me lembro.

- *Estás em línguas e humanidades?*

R: Ah sim, Línguas e Humanidades. Tou.

- *E o que te levou a querer esteticista e não outra coisa qualquer?*

R: Por acaso o meu gosto por isto começou pela minha tia, pelas unhas.

- *Então vias a tua tia a fazer e querias fazer?*

- *Existe alguém que te encoraje a seguir esse trabalho?*

R: Sim, a minha mãe e as minhas professoras na escola também.

- *O que precisas de fazer para alcançar a profissão que queres?*

R: Preciso de tirar o curso... e procurar trabalho

Vivência num bairro Social:

- *Gostas de viver aqui? Porquê?*

R: Gosto. Porque apesar de ser pequenino, tem bastante gente e nós conhecemo-nos e todos e damo-nos bem, no geral.

- *Quais são os teus hábitos aqui no bairro?*

R: Vou até à rua com os vizinhos da minha idade... Ficamos a falar...

- *No futuro, queres viver noutro local, ou preferes continuar a viver aqui?*

R: Não... Eu gosto disto, mas no futuro queria sair daqui.

- *Porquê?*

R: Porque há lugares melhores para se viver.

- *O que gostas mais no bairro?*

R: A minha casa. E o Atelier.

- *O que gostas menos?*

R: De alguns espaços daqui do bairro.

- *Como assim, podes explicar?*

R: Por exemplo as hortas. Não é tão bom. O pinheiro, aquele pinheiro grande suja bastante.

Ocupação dos tempos livres:

- *O que fazes nos tempos livres? (ex.: ler, ver televisão, desporto, música)*

R: Costumo tar com as minha amigas. Não só daqui e de fora também. Vamos passear, e tou com o meu namorado.

- *Quando estás de férias o que costumás fazer?*

R: Normalmente fico em casa, ou vou para a praia se for Verão. No Verão também costumo trabalhar no programa do Jovem em Formação.

- *Vais trabalhar este Verão?*

R: Sim. Se for umas férias mais pequeninas, fico por casa com a minha mãe.

- *Então passas os teus tempos livres com estas pessoas que disseste em cima?*

R: Sim.

Planos futuros:

- *O que te vês a fazer daqui a um ano?*

R: A estudar ainda.

- *E a estudar em que curso? No ensino regular ou outro?*

R: Num curso profissional.

- *De esteticista?*

R: E se não conseguir entrar, no de práticas comerciais.

- *E daqui a cinco anos?*

R: Penso que já vou estar a trabalhar.

- *Tens alguma estratégia para alcançar aquilo que queres?*

R: Por enquanto a minha única estratégias é estudar.

- *E depois disso tens alguma coisa pensada?*

R: Ainda não.

Anexo VII – Entrevista P5**Dados pessoais:**

- *Que idade tens?*

R: 18

- *Onde nascestes?*

R: Aqui no bairro

- *Qual o ano de escolaridade que frequentas (nível escolar)?*

R: Tou a acabar o 9º.

- *Sempre viveste aqui?*

R: Sim nunca mudei.

Vida familiar:

- *Vives com quem?*

R: Com minha mãe, minhas irmãs e meu irmão.

- *Quantas irmãs, duas?*

R: Sim, e um irmão.

- *Que relação tens com os teus familiares?*

R: Brigas e isso...

- *Brigas... Mas estão sempre em brigas?*

R: Às vezes brigamos.

- *Que atividades fazes com a tua família?*

R: De vez em quando à noite vamos ao café, mas nada de mais.

- *Qual é a profissão da tua mãe?*

R: É desempregada.

Percurso escolar:

- *O que achas da escola?*

R: Eu não estou na escola, estou no ATL.

- *Estás a tirar o 9º... e o que tu achas do ATL?*

R: Gosto. Tem pessoas mais velhas que eu e tão sempre a se divertir.

- *Já repetiste algum ano?*

R: Sim...

- *Quais foram as tuas notas no último período?*

R: Passei. Com boas notas.

- *Quais são as disciplinas que mais gostas?*

R: Não gosto de nenhuma.

- *E as que menos gostas?*

R: Inglês.

- *Até onde queres continuar a estudar? Porquê?*

R: Até acabar o 9º só.

- *Consideras a escola importante para o teu futuro?*

R: Não muito.

- *Porquê?*

R: Porque a minha vida não foi muito de escola... Eu gosto de aventuras, de me meter em aventuras.

- *Tens amigos na escola?*

R: Sim.

- *Para além das aulas, o que fazes na escola com os teus amigos?*

R: Às vezes, de vez em quando a gente faz uma patusca.

Expectativas em relação ao trabalho:

- *Qual a profissão que queres seguir?*

R: Gosto de mecânica, mas o que tiver é o que vem.

- *Porquê que gostas mais da mecânica?*

R: Desde pequenino que eu vejo o meu primo e a minha família a mexer em carros e motas.

- *Existe alguém que te encoraje a seguir esse trabalho?*

R: A pessoa que eu vi ele a trabalhar foi o meu primo o Marco. Sempre vi ele a trabalhar em motas em casa e deu-me a intenção de mexer naquilo.

- *O que precisas de fazer para alcançar a profissão que queres?*

R: Estudar mais e acabar o curso para ir para mecânico.

- *A tua ideia é acabar o curso e ir logo trabalhar?*

R: Eu tou a acabar o curso de cozinha, se não resultar na mecânica eu vou pa cozinha.

Vivência num bairro Social:

- *Gostas de viver aqui? Porquê?*

R: Sim. Nunca mudei e isto depois de uma pessoa se habituar... Nunca mudei, nunca tive... Já tive em Machico, mas sinto sempre a falta da zona.

- *Quais são os teus hábitos aqui no bairro?*

R: Andar de mota, ou em casa...

Como é que te dás com os vizinhos?

R: Dou bem.

- *No futuro, queres viver noutro local, ou preferes continuar a viver aqui?*

R: Mudar.

- *Porquê?*

R: Porque também não vou viver o resto da vida com a minha mãe e eu quero seguir a minha vida.

- *O que gostas mais no bairro?*

R: Gosto de... hmhhh...

- *O que gostas menos?*

R: Da vizinhança, de viver com família no bairro.

Ocupação dos tempos livres:

- *O que fazes nos tempos livres? (ex.: ler, ver televisão, desporto, música)*

R: De vez em quando vou dar uma volta. Vejo televisão ou oiço música

- *Quando estás de férias o que costumavas fazer?*

R: É a mesma coisa.

- *Com quem costumavas passar os teus tempos livres?*

R: Eu gosto de tar sozinho, mas de vez em quando o pessoal chama-me para ir à rua.

Planos futuros:

- *O que te vês a fazer daqui a um ano?*

R: Acabar o curso. E trabalho... o que tiver eu vou

- *E daqui a cinco anos?*

R: Não sei. Eu tou a pensar no presente e não no futuro.

- *Tens alguma estratégia para alcançar aquilo que queres?*

R: Primeiro eu vou trabalhar, guardar dinheiro e a seguir... viver sozinho. E vou comprando as cenas que sempre quis.

Anexo VIII – Entrevista P6**Dados pessoais:**

- *Que idade tens?*

R: 18

- *Onde nascestes?*

R: Na Quinta Falcão.

- *Qual o ano de escolaridade que frequentas (nível escolar)?*

R: Já não estou na escola...

- *Mas qual é o ano que ficaste?*

R: Com o 9º.

- *Sempre viveste aqui?*

R: Sim.

Vida familiar:

- *Vives com quem?*

R: Com a minha mãe e com o meu pai

- *Que relação tens com os teus familiares?*

R: Ótima.

- *Ótima. Com os dois?*

R: Sim. Apesar de tar mais à vontade com a minha mãe, mas talvez seja por ela ser mulher.

- *Que atividades fazes com a tua família?*

R: Vejo Televisão, às vezes ajudo a arrumar a casa. Passeio.

- *Qual é a profissão dos teus pais?*

R: Minha mãe é doméstica e o meu pai é serralheiro.

Percurso escolar:

- *O que achas da escola?*

R: É bom para nós aprendermos... Mas às vezes consegue ser uma seca. É porque é muito tempo. Eu tive muito tempo na escola. Eu tive no 9º... no 8º... No 8º ano e no 9º, eu tive o dia todo.

- *Passavas o dia todo na escola?*

R: Sim

- *E achavas isso muito tempo?*

R: Sim, mas agora mudei de escola e penso “fogo que saudades que eu tinha”

- *Já repetiste algum ano?*

R: Repeti... o 3º... Mas eu entrei um ano mais tarde. Perdi o 3º e desisti no 10º.

- *Lembraste das notas que tiveste na altura?*

R: Eram notas fracas.

- *Quais são as disciplinas que mais gostas?*

R: No 9º ou no 10º?

- *No geral...*

R: Ginástica, Português... Não tive muitas.

- *E as que menos gostas?*

R: História e Matemática

- *Queres voltar à escola?*

R: Sim

- *Até onde queres continuar a estudar? Porquê?*

R: Até ao 12º. Para ter mais oportunidades no futuro e ser a única filha dos meus pais a fazer as capas.

- *Consideras a escola importante para o teu futuro?*

R: Sim. Sim.

- *Ainda tens amigos da escola?*

R: Sim. Mas falo com poucos. Tinha alguns mas entretanto fomos nos separando e deixamos de falar.

- *Para além das aulas, o que fazes na escola com os teus amigos?*

R: Convivia com os meus colegas.

Expectativas em relação ao trabalho:

- *Qual a profissão que queres seguir?*

R: Olhe, eu quando era pequenina queria ser veterinária mas agora mudei de opinião. Eu queria arranjar um trabalho nem que fosse numa loja ou assim. Ou talvez ir para fora.

- *Porquê que estás a pensar ir para fora?*

R: Uma vida melhor. Os meus irmãos sempre me aconselharam a isso e porquê lá é muito melhor.

- *Tens irmãos fora?*

R: Sim. Dois.

- *Existe alguém que te encoraje a saíres da ilha?*

R: Sim. Os meus irmãos e as minhas cunhadas.

- *O que precisas de fazer para alcançar a profissão que queres?*

R: Era acabar o estudo. Estudar essa área. Depois olhe, tentar a minha sorte.

Vivência num bairro Social:

- *Gostas de viver aqui? Porquê?*

R: Para ser sincera não. Pá, é porque metade é minha família, e sabes que muita família junta dá confusão. E eu queria sair de casa, ter a minha própria vida, deixar os meus pais viver a vida deles.

- *Quais são os teus hábitos aqui no bairro?*

R: Ir à casa da minha madrinha...

Como é que te dás com os vizinhos?

R: Dou-me bem.

- No futuro, queres viver noutro local, ou preferes continuar a viver aqui?

R: Eu não queria, mas acho que vou ser obrigada. Se não conseguir arranjar trabalho cá eu vou ter que ir para fora.

- Mas se conseguisses trabalho cá, ficavas a viver aqui?

R: Sim tentava.

- O que gostas mais no bairro?

R: Sinceramente... Talvez os vizinhos.

- O que gostas menos?

R: Olha eu não gosto de como foram feitas as casas.

- Mas o quê que não gostas?

R: Não gosto da minha varanda. A vizinha, a Fátima, já reclamou que caiu bocados da minha varanda para baixo.

Ocupação dos tempos livres:

- O que fazes nos tempos livres? (ex.: ler, ver televisão, desporto, música)

R: Passear com o meu namorado. Conviver com a minha família. Arrumar a casa. E é só.

- Quando estás de férias o que costumas fazer?

R: No verão aproveitava para ir a praia, o Natal para conviver com a família.

- Com quem costumas passar os teus tempos livres?

R: Com o meu namorado, a família e uma amiga.

Planos futuros:

- O que te vês a fazer daqui a um ano?

R: A trabalhar. Por mim trabalhava já.

- E daqui a cinco anos?

R: Ter uma família. Criar a minha própria família e ter a minha própria casa.

- E já agora, onde fica a escola no meio destes planos?

R: Eu pretendia tar a trabalhar e a estudar. Não sei se vai ser possível, mas era o que eu queria.

- E se tiveres que escolher entre trabalhar e estudar?

R: Trabalhar.

- Tens alguma estratégia para alcançar aquilo que queres?

R: É arranjar um bom trabalho e poupar. Poupar para ir tendo as minhas coisinhas aos poucos, claro que não vamos ter tudo de uma vez...

Anexo IX – Entrevista P7**Dados pessoais:**

- *Que idade tens?*

R: 16

- *Onde nascestes?*

R: No Funchal.

- *Mas em que zona do Funchal?*

R: Santo António.

- *Nasceste aqui no Bairro?*

R: Sim.

- *Qual o ano de escolaridade que frequentas (nível escolar)?*

R: Tou num curso.

- *E equivale a que ano o curso em que estás?*

R: Equivale até ao 9º

- *E estás no último ano do curso?*

R: Sim.

- *Sempre viveste aqui?*

R: Sim.

Vida familiar:

- *Vives com quem?*

R: Com minha mãe, meu pai, minhas irmãs e minha avó.

- *Que relação tens com os teus familiares?*

R: Boa.

- *Porquê que dizes que é boa?*

R: Porque eu posso confiar neles. Consigo desabafar com eles.

- *Que atividades fazes com a tua família?*

R: Passear.

- *Qual é a profissão dos teus pais?*

R: Operadora de charcutaria, a minha mãe. O meu pai manobrador.

Percurso escolar:

- *O que achas da escola?*

R: O meu pensamento ultimamente mudou em relação a escola. Tou mais ciente que a escola é necessária para ser alguém na vida.

- *Quando é que começou a mudar o pensamento?*

R: Mais ou menos há um ano, um ano e meio.

- *E o quê que pensavas antes?*

R: Pensava que não precisava daquilo para nada, mas já vi que não.

- *O que fez mudar o teu pensamento?*

R: Os meus pais. A forma como eles têm que lutar para ganhar dinheiro e essas coisas...

- *Já repetiste algum ano?*

R: Já. O 5º e o 7º.

- *Cada um, uma vez?*

R: Sim, cada um, uma vez.

Lembraste das tuas notas no último período?

R: Não.

- *Mas foram boas? Foram más? Muitas negativas?*

R: Não, não tive muitas. Tive duas.

- *Sabes quais foram as tuas negativas?*

R: TIC e a outra não sei.

- *Quais são as disciplinas que mais gostas?*

R: Português. Educação Física.

- *E as que menos gostas?*

R: Matemática.

- *Até onde queres continuar a estudar? Porquê?*

R: Até ao 12º. Porque é o que é preciso para começar a trabalhar, arranjar um trabalho mais ou menos.

- *Ou seja, queres continuar a estudar até ao 12º para arranjar um bom trabalho?*

R: Sim.

- *Tens amigos da escola?*

R: Tenho. Muitos amigos.

- *Para além das aulas, o que fazes na escola com os teus amigos?*

R: Vou sair, vou ao cinema e tal.

- *Ok. Vais sair com os amigos da escola. E dentro da escola, costumavas fazer alguma coisa?*

R: Ponho-me lá a ouvir música, mais o pessoal e mais nada.

Expectativas em relação ao trabalho:

- *Qual a profissão que queres seguir?*

R: Não tenho isso idealizado.

- *Mas nunca tiveste alguma ideia em relação a alguma profissão?*

R: Não. Agora tou mais ligado a tentar seguir a eletricidade, como tou a tirar o curso.

- *É algo que tu gostavas de fazer, de acordo com o que já viste no curso?*

R: Eu gosto daquilo. Acho que podia...

- *Veste a ter essa profissão?*

R: Eu acho que é rentável. Entrar para aquela área.

- *E o que te levava a seguir essa profissão?*

R: É por gosto. Eu até acho consideravelmente aquilo fácil, até desenrasco-me consideravelmente bem, que eu sou dos melhores alunos. Acho que sim.

- *Existe alguém que te encoraje a seguir esse trabalho?*

R: O meu pai.

- *O que precisas de fazer para alcançar a profissão que queres?*

R: Preciso de estudar.

- *E precisas de mais alguma coisa? Precisas só de acabar ou curso, ou precisas também de tirar o 12º como falaste há pouco?*

R: É isso. O curso e tirar o 12º

Vivência num bairro Social:

- *Gostas de viver aqui? Porquê?*

R: Gosto. Já conheço os meus vizinhos há bastante tempo e dou-me bem com eles.

- *Dás-te bem com os teus vizinhos?*

R: Sim, os da minha idade.

- *Quais são os teus hábitos aqui no bairro?*

R: Andar de bicicleta, andar de mota... Essas coisas.

- *No futuro, queres viver noutra local, ou preferes continuar a viver aqui?*

R: No futuro gostava de viver noutra local. Ter a minha própria casa e isso.

- *Era para teres uma casa só tua?*

R: Sim. Privacidade e essas coisas.

- *O que gostas mais no bairro?*

R: O ambiente.

- *O que gostas menos?*

R: A droga.

- *A droga, como assim? Podes explicar mais um pouco?*

R: O ambiente do pessoal mais velho, o ambiente da droga e essas coisas.

Ocupação dos tempos livres:

- *O que fazes nos tempos livres? (ex.: ler, ver televisão, desporto, música)*

R: Oiço música. Jogo.

- *Quando estás de férias o que costumavas fazer?*

R: Costumo sair com os meus amigos. Tomar café.

- *Com quem costumavas passar os teus tempos livres?*

R: Com os meus amigos. Com os meus pais. Com a família.

Planos futuros:

- *O que te vês a fazer daqui a um ano?*

R: Vejo-me a ir para o 10º. Para completar o 12º.

- *É para fazer um curso ligado à eletricidade?*

R: Sim, ligado à eletricidade.

- *E daqui a cinco anos?*

R: Não sei, provavelmente tava ligado a essa cena da eletricidade. E... Ter a minha independência.

- *Mas já a trabalhar?*

R: Já a trabalhar.

- *Tens alguma estratégia para alcançar aquilo que queres?*

R: Não, só deixo ir. Vou ao meu ritmo.

- *Vives mais o dia-a-dia, um dia de cada vez?*

R: Sim.